

# CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL 2020

Comissão  
teológica



Comité Pontificio  
para os CC. EE. II

«Todas as minhas fontes estão em ti»

A Eucaristia: fonte da vida  
e da missão cristã



*Reflexões teológicas e pastorais em preparação para  
o 52º Congresso Eucarístico Internacional, Budapest (Hungria)  
13 - 20 setembro 2020*

Comité Pontificio  
para os Congressos Eucarísticos Internacionais  
00120 Città del Vaticano

Tradução portuguesa do texto oficial italiano:  
Secretariado Nacional de Liturgia  
Fátima (Portugal)

# ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO .....	4
1.1. O Congresso Eucarístico Internacional .....	4
1.2. Na Hungria .....	4
1.3. Os objectivos do Congresso .....	6
2. «EM TI está A FONTE DA VIDA» .....	8
2.1. Deus, fonte da vida.....	8
2.2. «Quem tem sede, venha a mim e beba».....	9
2.3. «Todas as minhas fontes estão em ti» (Sl 87, 7).....	10
3. A EUCARISTIA, FONTE DA VIDA CRISTÃ .....	13
3.1. Os fundamentos no Novo Testamento .....	13
3.2. Da Ceia do Senhor à Eucaristia da Igreja .....	16
3.3. Uma síntese medieval .....	18
3.4. A Reforma Protestante e o Concílio de Trento .....	18
4. A EUCARISTIA NO CONCÍLIO VATICANO II.....	21
4.1. A Eucaristia é fonte e cume da vida cristã .....	21
4.2. A Eucaristia faz a Igreja.....	23
5. A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA, FONTE E CUME DA VIDA ECLESIAL .....	25
5.1. A celebração eucarística, fonte da vida cristã .....	26
5.2. O culto eucarístico fora da missa .....	30
6. A EUCARISTIA, FONTE DA TRANSFORMAÇÃO DAS COISAS CRIADAS.....	34
6.1. Significado cósmico da Eucaristia .....	34
6.2. A missa sobre o altar do mundo.....	34
6.3. A Eucaristia e a transformação das criaturas .....	36
7. A EUCARISTIA, FONTE DA SANTIDADE .....	38
7.1. O exemplo dos mártires húngaros do século XX.....	38
7.2. Uma vocação universal à santidade .....	40
7.3. Na vida quotidiana .....	42

8. A EUCARISTIA, FONTE DA MISSÃO E DO SERVIÇO .....	45
8.1. Sacramento da missão cumprida.....	46
8.2. De Emaús a Jerusalém .....	47
8.3. Eucaristia e serviço fraterno: a diaconia .....	49
8.4. Eucaristia e unidade dos batizados: a comunhão .....	50
8.5. Eucaristia e reconciliação.....	53
9. AVE VERUM CORPUS NATUM DE MARIA VIRGINE.....	57

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1. O Congresso Eucarístico Internacional

Os Congressos eucarísticos internacionais são uma das grandes manifestações públicas da Igreja que sublinham e valorizam o papel da Eucaristia na vida dos cristãos e na praxis eclesial. Nascidos em 1881 para glorificar Jesus Cristo realmente presente na Eucaristia e dar testemunho do seu amor infinito pelo mundo, geraram processos históricos de crescimento nas comunidades cristãs para responder às expectativas dos homens e contribuir para a construção de um mundo mais humano, justo e pacífico, a partir da celebração eucarística.

A Hungria acolheu um memorável Congresso eucarístico internacional em 1938 em Budapeste. Volvidos oitenta e dois anos, o evento renova-se no mesmo lugar mas em circunstâncias históricas e sociais totalmente diferentes.

## 1.2. Na Hungria

A Hungria tem profundíssimas raízes cristãs. O seu primeiro rei, Santo Estêvão (1000-1038) introduziu o povo húngaro na comunidade dos povos cristãos da Europa. Entre as dinastias medievais, a dos Árpád deu um consistente número de santos à Igreja católica; mas nem sequer faltam os mártires recentes que viveram oferecendo a sua vida pelos outros. A fé cristã, a constância, o ensinamento e o exemplo dos antepassados têm suportado o povo húngaro nas tempestades da história. E ainda hoje se ouve o ditado: «*O nosso passado é a nossa esperança, o nosso futuro é Cristo*».

A Hungria organizou a última vez o Congresso Eucarístico Internacional em 1938 à volta do lema: «*Eucharistia, vinculum caritatis*». O mundo de então era percorrido por grandes tensões e grande era o desejo de paz ante os perigos de uma nova guerra que parecia inevitável. No hino do referido congresso os fiéis cantavam o que ainda hoje é actual: «*Reúne na paz, Senhor, todos os povos e nações*», e a participação de meio milhão de pessoas na procissão e na

missa conclusiva torna-se uma espécie de manifestação a favor da paz entre os povos e contra as ameaças de guerra iminente.

Mas nada disto conseguiu evitar o segundo conflito mundial que trouxe à Hungria luto e sacrifícios. No final da guerra os cristãos foram perseguidos e esmagados pela ditadura comunista durante quarenta anos: abolidas as ordens e congregações religiosas, deportados para campos de trabalho forçado ou presos muitos sacerdotes e fiéis, vexames contínuos e supressões por parte de um regime que se declarava ateu, estatização das escolas católicas com excepção de oito liceus, proibição da prática religiosa, e fuga para o estrangeiro de centenas de milhares de pessoas. A fé e os valores cristãos sobreviveram nas catacumbas e foram transmitidas, na ilegalidade, às novas gerações da comunidade activa. Deste modo o número de praticantes reduziu-se drasticamente, enquanto duas ou três gerações cresceram sem qualquer educação religiosa. Esta é a raiz de uma generalizada ignorância religiosa, da indiferença para com a fé e, muitas vezes, até de uma certa hostilidade em relação à Igreja, consequência de decénios de propaganda anticlerical.

Após a "libertação" e a mudança de regime em 1989, assistiu-se na Hungria a um certo reflorescer da prática religiosa. O regresso à democracia permitiu a reabertura de jardins de infância, escolas, liceus e universidade católicos e de outras confissões cristãs. Na política e na legislação reapareceram alguns valores cristãos. Muitas igrejas foram reabertas ao culto, outras foram construídas de raiz, e as comunidades cristãs de cada confissão obtiveram uma parcial compensação material. Enquanto as diferentes formas de vida consagrada retomaram a própria actividade com renovado entusiasmo, o serviço da Caritas difundiu-se por todo o país e um número crescente de leigos participa activamente na vida comunitária e paroquial.

Todavia, nos trinta anos decorridos desde 1989, muitas coisas mudaram em sentido negativo. Como nos outros países pós-comunistas, também na Hungria o quadro da vida religiosa e de fé se tornou mais débil por causa da secularização, da laicização, da busca do bem-estar material, do relativismo e do agnosticismo. Tudo isto levou ao aumento da idade média dos fiéis e à diminuição do número de praticantes visto que, em dez milhões de húngaros, na missa dominical participa um número de fiéis entre os 7 e os 10% da população. A crise atingiu também a vida familiar e as vocações sacerdotais e

religiosas pela dificuldade de evangelizar o mundo juvenil. Apesar de a presença social da Igreja estar a perder eficácia, há cada vez mais pessoas adultas em busca que se voltam para as comunidades cristãs a fim de encontrar resposta às perguntas fundamentais da vida.

### 1.3. Os objectivos do Congresso

A preparação para o Congresso eucarístico internacional de 2020 e a sua celebração oferecem aos católicos e a quantos lhes são mais próximos por herança cultural e por amizade, a extraordinária oportunidade de se apresentarem juntos diante da sociedade para dar testemunho claro da própria fé. Na verdade, o homem contemporâneo - como disse S. Paulo VI - «*escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas*». <sup>1</sup>

O Congresso eucarístico internacional torna-se, para os católicos, uma oportunidade para fortalecer a sua fé e partilhar a esperança, a vida e a alegria com aqueles que percorrem o mesmo caminho a partir da fonte eucarística de Cristo ressuscitado.

Através da participação na Eucaristia, é confirmada a fé dos crentes, reconstruída a identidade cristã, aprofundada a comunhão com Cristo e com os irmãos. Assim os cristãos, dentro de uma sociedade dominada pela ditadura do relativismo, podem dar testemunho da Verdade diante do mundo, de cabeça levantada, com serenidade corajosa, com caridade e mansidão segundo o exemplo de Cristo.

O Congresso eucarístico internacional é também uma oportunidade para reforçar o diálogo entre os cristãos, na certeza de que são mais as coisas que nos unem do que as que nos dividem. Sob a orientação do Espírito Santo, somos levados a escutar, compreender e resolver as questões em aberto e tentar, na verdade, os caminhos do futuro. Só o testemunho conjunto dos crentes pode oferecer aos não crentes a Boa Nova da salvação.

Às pessoas de todas as classes e condições sociais que buscam a Deus, o Congresso oferece o *kerigma*, o anúncio evangélico inicial: Deus, fonte de toda

---

1 PAULO VI, Exortação apostólica (1975) *Evangelii Nuntiandi* (EN), 41.

a vida, ama incondicionalmente cada uma das suas criaturas. Por isso nos enviou o seu Filho Jesus, feito homem no seio da Virgem Maria. Com as suas palavras e a sua mensagem, com a sua morte e ressurreição cancelou os nossos pecados, e por obras do Espírito Santo vive para sempre na sua Igreja. Quem decide livremente voltar as costas ao mal e aceita Cristo como Salvador, através do baptismo entra na grande família dos redimidos e constrói a grande comunidade dos filhos de Deus.

No Congresso eucarístico de dimensões mundiais, damos graças a Cristo e o glorificamos como o único que é capaz de oferecer vida. E oramos para que a alegria que nasce da fonte eucarística irradie não só em toda a Hungria, mas também nos países da Europa Central, em toda a Europa e no mundo inteiro. Assim todos podemos encontrar um tempo de renovação espiritual, uma orientação evangélica, um pouco de fé que vença a incerteza, uma luz de esperança para quantos estão tristes, um pouco de amor para vencer a solidão e a distância.

## 2. «EM TI ESTÁ A FONTE DA VIDA»

### 2.1. Deus, fonte da vida

É convicção fundamental da Bíblia que a fonte de toda a vida é Deus, porque d'Ele vem tudo aquilo de que o homem tem necessidade tanto para a sua vida natural como para a vida sobrenatural.<sup>2</sup> Até os alimentos, essenciais para a vida terrena, são dom seu. Já no relato simbólico da criação (*Gen 2, 4b-25*) se sublinha o facto que Deus não apenas criou o homem, mas o colocou no jardim do paraíso, cheio de toda a espécie de árvores de fruto e irrigado por quatro rios. O homem deve a Deus, portanto, não só a sua própria vida, mas também todos os bens necessários para a sua manutenção.

O amor e o cuidado de Deus estão, também, no centro do relato da travessia do deserto por Israel. É o próprio Senhor que assegura, por intermédio de Moisés, o alimento necessário sob a forma de maná, de codornizes (*Ex 16, 1-15*) e de água saída do rochedo (*Ex 17, 1-17; Num 20, 1-13*). Doravante, a tradição bíblica mais tardia fala desta realidade como de dons recebidos directamente de Deus. Esta visão manifesta-se antes de mais nos salmos: «*Fendeu as rochas no deserto e dessedentou-os com águas abundantes. Fez brotar rios das pedras, fez correr água em torrentes... Para alimento fez chover o maná, deu-lhes o pão do céu. O homem comeu o pão dos fortes. Mandou-lhes comida com abundância*» (*Sl 78, 15-16. 24-25*). «*A seu pedido mandou-lhes codornizes, e saciou-os com o pão do céu. Fendeu o rochedo e brotou água, como um rio a correr pelo deserto*» (*Sl 105, 40-41*).

No que se refere à tradição da água, embora esta brote da rocha, a sua fonte original é o próprio Deus. Portanto, a água não se apresenta apenas como bebida, mas também como símbolo dos bens espirituais provenientes de Deus. Por isso, nalgumas passagens do Antigo Testamento prevalece o sentido figurado. «*Em Ti está a fonte da vida e é na tua luz que vemos a luz*», confessa o salmista (*Sl 36, 10*). O profeta Jeremias ao contrário censura a infidelidade

---

2 Os fiéis da Igreja bizantina evocam todas as manhãs na Liturgia das Horas: «*Em Ti está a fonte da vida e na tua luz veremos a luz*».

de Israel: «O meu povo cometeu dois crimes: abandonou-me a Mim, fonte de água viva, e escavou cisternas para si, cisternas rotas, que não podem reter as águas» (2, 13). Particularmente digna de atenção é a promessa que se lê num texto hínico do profeta Isaías: «Este é o Deus da minha salvação; estou confiante e nada temo, porque a minha força e o meu canto de vitória é o Senhor; Ele foi a minha salvação. Tirareis água com alegria das fontes da salvação» (12, 2-3).<sup>3</sup>

Todos estes textos escriturísticos afirmam, portanto, que Deus é a fonte de onde vêm todos os dons dos quais os homens têm necessidade na perspectiva da salvação.

## 2.2. «Quem tem sede, venha a mim e beba»

No Novo Testamento, a água como um símbolo dos bens espirituais aparece principalmente no Evangelho de João. Jesus no Templo de Jerusalém, no último dia da festa dos tabernáculos revela aos ouvintes: «Se alguém tem sede, venha a mim; e beba quem crê em mim. Como diz a Escritura: Do seu seio jorrarão rios de água viva» (7,37-38). Na festa dos tabernáculos, que durava sete dias, os piedosos israelitas recordavam o caminho no deserto, e na celebração prestavam atenção particular à água como dom recebido de Deus, fonte da vida. Durante os sete dias da festa, de facto, de manhã cedo, a multidão seguia os sacerdotes e os levitas que iam para a piscina de Siloé, para tirar água em ânforas de ouro, enquanto recitavam «Tirareis água com alegria das fontes da salvação». E quando voltavam ao templo, a água era derramada sobre o altar. É à luz desta solenidade que Jesus se define como a fonte à qual se refere o dito profético.<sup>4</sup>

Não se esqueça, no entanto, que o evangelista refere as palavras de Jesus ao Espírito Santo recebido por quantos crêem em Cristo através da sua glorificação na cruz, em sua Páscoa de morte e ressurreição. Na expectativa do Pentecostes, Cristo transmite já o seu Espírito na cruz, quando «entregou o es-

---

3 Vai também mencionado o convite que se lê no deutero-Isaías: «Todos vós que tendes sede, vinde beber desta água. Mesmo os que não tendes dinheiro, vinde, comprai trigo para comer sem pagar nada. Levai vinho e leite, que é de graça» (Is 55,1).

4 A partir de Orígenes tornou-se a interpretação maioritária, segundo a qual os rios de água viva jorravam daqueles que crêem em Cristo. Hoje, no entanto, a maioria dos biblistas, por causa do fundo veterotestamentário e do carácter da festa dos tabernáculos, afirma que os rios de água viva jorram de Cristo. Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium II*, Freiburg 1980, 214.; J. RATZINGER / BENEDIKT XVI, *Jesus von Nazareth I*, Cidade do Vaticano 2007, 289.

*pírito» (Jo 19,30).<sup>5</sup> E do lado de Jesus trespassado pela lança de um soldado, jorrou sangue e água (Jo 19,34) que na tradição eclesial se referem aos sacramentos do batismo (a água) e da Eucaristia (o sangue).*

Como se diz no Prefácio da solenidade do Sagrado Coração de Jesus: *«Elevado sobre a cruz, com admirável amor deu a sua vida por nós e do seu lado trespassado fez brotar sangue e água, donde nasceram os sacramentos da Igreja, para que todos os homens, atraídos ao Coração aberto do Salvador, pudessem beber com alegria nas fontes da salvação».*<sup>6</sup>

A interpretação eucarística do sangue de Cristo também é sustentada pela parte final do discurso sobre o "pão da vida", relatado pelo capítulo sexto do Evangelho de João, no qual Jesus fala do próprio corpo como alimento e do próprio sangue como bebida (6, 53-58). Sangue e água aparecem também na primeira Carta de João, juntamente com o Espírito Santo: *«Pois são três que dão testemunho: o Espírito, a água e o sangue, e os três coincidem no mesmo testemunho»* (5, 7-8). Batismo e Eucaristia tornam-se fonte da salvação através do Espírito Santo.

Mesmo São Paulo, na primeira Carta aos Coríntios, referindo-se ao êxodo dos pais no deserto recorda: *«Todos comeram do mesmo alimento espiritual e todos beberam da mesma bebida espiritual, pois bebiam de um rochedo espiritual que os seguia, e esse rochedo era Cristo»* (1 Cor 10, 3-4).

### **2.3. «Todas as minhas fontes estão em ti» (Sl 87, 7)**

A Eucaristia é fonte de vida não só para cada cristão, mas também para toda a Igreja, comunidade dos crentes. Na verdade, para que Cristo celebrado na Eucaristia se torne fonte perene, é indispensável a obra mediadora da Igreja.

Para o compreender, voltamos mais uma vez ao Antigo Testamento, e precisamente ao texto do qual foi extraído o lema deste Congresso Eucarístico Internacional. Trata-se do Salmo 87,<sup>7</sup> cujo texto citamos na íntegra:

---

5 Cf. I. DE LA POTTERIE, *Studi di cristologia giovannea*, Genova 1986, 285.

6 Este prefácio do *Missal Romano*, faz-se eco da interpretação de Agostinho no *Tractatus in Iohannis Euangelium*, CXX, 2; in *Nuova Biblioteca Agostiniana (NBA)*, vol. XXIV/2, p. 1912.

7 Referimo-nos ao salmo segundo a numeração da *Bíblia Hebraica*. Na Septuaginta e na Vulgata a oração encontra-se como Salmo 86.

«O Senhor ama a cidade,  
por Ele fundada sobre os montes santos;  
ama as portas de Sião,  
mais que todas as moradas de Jacob.  
Grandes coisas se dizem de ti,  
ó cidade de Deus.  
Contarei o Egipto e a Babilónia  
entre os meus adoradores;  
a Filisteia, Tiro e a Etiópia,  
uns e outros ali nasceram.  
E dir-se-á de Sião: "Todos lá nasceram,  
o próprio Altíssimo a consolidou".  
O Senhor escreverá no registo dos povos:  
"Este nasceu em Sião".  
E irão dançando e cantando  
"Todas as minhas fontes estão em ti"».

O salmo pertence aos chamados "cânticos de Sião", cujo centro é a eleição e localização privilegiada de Jerusalém.<sup>8</sup> O Senhor, como diz o início do salmo, prefere «*as portas de Sião*», isto é, a cidade santa, onde existe um templo e a morada da dinastia davídica, mais do que todos os outros locais em Israel.<sup>9</sup> E o próprio YHWH dá a cidadania de Jerusalém às nações pagãs que o "conhecem".

A promessa contida no salmo é digna de atenção por dois motivos. Por um lado, a lista começa com o Egipto (Raab) e Babilónia, dois inimigos mortais que tendo aceitado com fé o Deus de Israel, se tornaram de pleno direito cidadãos da cidade santa. O elenco prossegue depois com os pontos cardeais: Egipto/ocidente - Babilónia/oriente - Filisteia e Tiro/norte - Etiópia/sul. Assim, as cinco nações elencadas representam o mundo inteiro que converge para Jerusalém, a cidade santa, onde, graças ao conhecimento de Deus, as nações primeiro antagónicas se reúnem em unidade e paz. No final do salmo são to-

---

8 O grupo dos cânticos de Sião inclui os Salmos 46, 48, 76, 84, 87, 122.

9 G. RAVASI, *Os Salmos II*, Bologna 1986, 800.

das estas nações que reunidas no contexto de uma celebração litúrgica anunciam: «*Todas as minhas fontes estão em ti*».

A ideia de que nos tempos escatológicos Jerusalém e o seu templo se tornarão fonte de água viva, está presente também nos escritos proféticos. «Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de David e para os habitantes de Jerusalém, para a purificação do pecado e da impureza», lemos no livro de Zacarias (13, 1). No livro de Ezequiel lê-se a profecia da fonte que corre do lado oriental do templo e se torna um rio grande e navegável (Ez 47, 1-12). Estes textos proféticos, como o Salmo 87, anunciam o regresso da condição paradisíaca caracterizada pela abundância, pela fertilidade e pela paz: «*De Sião se desenvolve uma nova criação, fértil e verdejante, jubilosa e abençoada*». <sup>10</sup>

A tradição cristã lê o salmo 87 em referência à Igreja na convicção de que a verdadeira Sião, a "Jerusalém celeste" se identifica com a Igreja (cf. Gal 4, 26; Heb 12, 22-24.): «*Sião era uma cidade terrena que reproduzia na sombra a imagem daquela Sião de que se trata, ou seja daquela Jerusalém celeste da qual o apóstolo fala "que é a mãe de todos nós"*» (Gal 4, 26). <sup>11</sup> A Igreja é a comunidade dos que foram salvos, e que, provenientes de «*todas as tribos, línguas, povos e nações*» (Ap 5, 9), adoram a Deus «*em espírito e verdade*» (Jo 4, 24) e recuperam a unidade construindo um só corpo.

Como recorda o apóstolo Paulo: «*O cálice da bênção que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? E o pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? Uma vez que há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão*» (1 Cor 10, 16-17). A participação no corpo e no sangue de Cristo na celebração eucarística cria uma comunhão real com Cristo e constrói o seu corpo que é a Igreja. Todos aqueles que participam no sacramento do Corpo e do Sangue de Cristo, tornam-se um só corpo, uma única comunidade. A fonte de que os fiéis bebem é garantia verdadeira de unidade entre eles.

---

10 *Ibid.*, p. 802.

11 «*Erat enim quaedam Sion civitas terrena quae per umbram gestavit imaginem cuiusdam Sion de qua modo dicitur, coelestis illius Jerusalem de qua dicit Apostolus: Quae est mater omnium nostrum*» Cf. *Enarrationes in Psalmos*, 86,2 in *NBA*, Vol XXVII/I.

### 3. A EUCHARISTIA, FONTE DA VIDA CRISTÃ

#### 3.1. Os fundamentos no Novo Testamento

Desde o início da sua história a Igreja, fiel ao mandamento do Senhor «*fazei isto em memória de mim*» (Lc 22, 19; 1 Cor 11, 24) celebrou a Eucaristia definindo-a com dois títulos fundamentais: «*Ceia do Senhor*» (1 Cor 11, 20) e «*fracção do pão*» (Act 2, 42).

Estes dois títulos ligam entre si o mistério eucarístico ao acontecimento histórico da última Ceia vivida por Jesus com os seus discípulos e às reuniões celebrativas da Igreja apostólica.

#### A «*Ceia do Senhor*»

A «*Ceia do Senhor*» põe em evidência como a acção eucarística foi entendida desde o início como o gesto de reviver o mistério da Páscoa do *Kyrios*, recordando quanto Ele disse e fez na noite em que foi traído.

Na última Ceia Jesus oferece-se nos gestos do pão e do vinho com uma acção profética que antecipa o mistério pascal de morte e vida: o pão partido equivale ao seu corpo entregue e o vinho distribuído ao seu sangue derramado. O dom realiza-se na forma de uma refeição «*tomai e comei... tomai e bebei todos*» e oferece-se como evento de comunhão e de perdão. Assim, a última Ceia aparece como a exegese de toda a existência de Jesus antes e depois dos acontecimentos pascais; uma existência que se desenrola como um mistério de morte e de vida, para que os crentes possam obter n'Ele uma vida de resuscitados.

A última Ceia de Jesus situa-se no quadro das refeições tomadas pelo Mestre com os pecadores durante a sua existência e das refeições tomadas com os discípulos após a ressurreição. Sentando-se à mesa com os pecadores, Jesus proclamara que com Ele estava agora em acto o perdão universal anunciado pelos profetas para os tempos messiânicos e manifestara que todos são chamados a participar no banquete escatológico da salvação (Is 25, 6).

Quanto às refeições do Senhor ressuscitado com os onze, mais do que convencer os discípulos da realidade da ressurreição elas asseguram que o *Kyrios* continua a tornar-se presente entre os seus mediante o sinal pascal da refeição. Isto é particularmente evidente na forma dada ao episódio dos discípulos de Emaús testemunho notável da fé eucarística da comunidade apostólica. Ali, o Ressuscitado manifesta-se e é reconhecido presente no acolhimento da sua palavra e no gesto de partir o pão com Ele.

Se para Jesus celebrar a Páscoa significou passar da morte à vida «*amando os seus até ao fim*» (Jo 13,1), também para os seus discípulos o memorial eucarístico é um acto que faz passar incessantemente da morte à vida proclamando a presença de Cristo ressuscitado na sua Igreja.

### *A «fracção do pão»*

Esta expressão recupera uma realidade já presente em ambiente judaico, e refere-se à comunhão que se realiza sempre que os cristãos se reúnem para partir o único pão e comer à única mesa convertendo-se num só corpo, o de Cristo Jesus.

Nos Actos dos Apóstolos a fracção do pão é inserida num contexto eclesial significativo. Todos os que aderiam à fé «*partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração*» (Act 2,46) e «*eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações*» (Act 2,42).

A esta fracção do pão em memória da nova Páscoa andavam unidos a escuta da Palavra de Deus, ilustrada pelos responsáveis da comunidade, uma refeição fraterna (*ágape*) com a partilha de bens e as orações em comum dirigidas ao Pai de Jesus Cristo, o Messias dos tempos esperados.

Com a acção de graças sobre os dons da mesa, a comunidade experimenta a presença do Senhor Ressuscitado em continuidade com a experiência dos apóstolos e dos discípulos de Emaús, e celebra o acontecimento salvífico realizado de uma vez para sempre na morte e ressurreição do Salvador. Convic-

ção análoga se encontra também no relato da fracção do pão celebrada por Paulo em Tróade durante a sua última viagem missionária (*Act 20, 7-8. 11*).

### *O testemunho de Paulo*

A partir dos anos cinquenta, São Paulo transmitira à comunidade de Corinto tudo o que recebera no momento da sua conversão e dos seus primeiros contactos com as comunidades de Antioquia e de Jerusalém. Na primeira Carta aos Coríntios (11, 17-34), o apóstolo dá por sabido que a comunidade se encontra em assembleia eucarística para celebrar a ceia do Senhor. O que o preocupa é chamar a atenção dos seus interlocutores para o conteúdo da Eucaristia e para o modo como deve ser acreditada, celebrada e vivida.

Em Corinto a celebração da Eucaristia era precedida de uma refeição em comum, que devia manifestar a comunhão fraterna. Isto correspondia às circunstâncias históricas nas quais Jesus celebrara a última Ceia e em que nasceria a acção eucarística. Assim, a reunião eucarística estava ligada à fraternidade e à solidariedade.

Mas esta reunião, em vez de exprimir comunhão e solidariedade para com os mais pobres, tornara-se ocasião para dividir os ânimos e para evidenciar as desigualdades. Isto, diz Paulo, já não é «*comer e beber a ceia do Senhor*», porque já não manifesta o verdadeiro sentido da ceia de Jesus com os seus. Se não se respeita a fraternidade, não se pode reconhecer naquilo que se celebra o que o Senhor mandou fazer como seu memorial e despreza-se o significado profundo da Eucaristia.

É por isso que Paulo volta a propor aquilo que ele próprio recebeu, ou seja o relato da última Ceia. Se a Eucaristia é a memória viva da morte do Senhor, comungar o pão e o cálice é entrar em comunhão de vida com o seu corpo e sangue e tornar-se assim um só corpo com Ele. Não se pode acolher a realidade do corpo de Cristo entregue, e do sangue de Cristo derramado se não se responde à exigência da comunhão fraterna.

### *João e o «pão da vida»*

O evangelista João conhecia certamente as práticas eucarísticas da Igreja apostólica, e se não transmite a narração da instituição é porque esta narração já era conhecida pela sua comunidade e utilizada na liturgia. Mas há também uma razão mais profunda: o evangelista ajuda a compreender a Eucaristia no contexto mais amplo de toda a experiência de Jesus que veio ao meio de nós para nos dar a vida e voltou ao Pai para nos atrair a Si.

A vida de Jesus desenvolveu-se como uma grande passagem pascal *do Pai ao mundo* (a encarnação) e *do mundo ao Pai* (morte e ressurreição). É nesta passagem que se manifesta e se realiza a salvação da humanidade. O discurso sobre o pão da vida (Jo 6), situa-se neste movimento de descida e de ascensão. A Eucaristia é o pão vivo descido do céu, que faz voltar a subir para o Pai. Perante as objecções dos judeus, a catequese de Jesus desenrola-se de modo progressivo até ao anúncio explícito de uma comida e de uma bebida que são definidos como a sua carne e o seu sangue, dados pela vida do mundo: «*A minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida... quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*» (Jo 6, 55-56).

A palavra carne evoca a íntima relação existente entre a encarnação, a cruz e a Eucaristia: nesta, o crente alimenta-se do Filho de Deus feito homem e morto por nós, e na fé vive com Ele e n'Ele, o Ressuscitado. Assim Jesus apresenta-se aos crentes como vítima oferecida em sacrifício (carne e sangue) e como dom da redenção universal.

### **3.2. Da Ceia do Senhor à Eucaristia da Igreja**

Dispomos de relativamente poucos textos sobre o desenvolvimento da Eucaristia no período dos Padres da Igreja<sup>12</sup>. Inácio de Antioquia († 115) faz-lhe alusão várias vezes, mas não recorda nada da sua celebração ritual. O primeiro documento que faz explicitamente referência à Eucaristia é provavelmente a *Didaqué*, que contém três orações com fundo eucarístico e uma

---

12 Cf. J. A. JUNGSMANN, *Missarum sollemnia*; Casale (1953), pp. 20 ss.

breve narração da ceia eucarística no dia do Senhor.<sup>13</sup> Por volta do ano 112, salienta-se o testemunho de Plínio, o Moço, governador romano da Bitínia e do Ponto, que numa carta ao imperador Trajano recorda que os cristãos tinham o costume de se reunir «*num dia determinado, antes do nascer do Sol, para cantarem entre si, alternadamente, um hino a Cristo*» e que «*tinham o costume de se separar, voltando a reunir-se de novo para tomar a sua refeição, a qual, diga-se o que se disser, é comum e inocente*».<sup>14</sup>

A identidade da acção eucarística é claramente expressa por volta do ano 160, na primeira Apologia de Justino, onde se descreve a comunidade dos baptizados como uma assembleia celebrante na qual todos se saúdam com um beijo de paz, se apresentam os dons do pão e do vinho, se proclama uma longa oração de louvor e súplica ao Pai, em nome do seu Filho Jesus Cristo à qual todos respondem «*Amen, Amen*». Segue-se a comunhão dos dons consagrados reservando uma porção de pão para levar aos ausentes. Pouco depois Justino propõe uma profunda síntese da doutrina eucarística e a descrição da acção eucarística celebrada no «*dia do Sol*».<sup>15</sup> A formação de uma liturgia eucarística unificada é já disponível no ordenamento eclesiástico de Hipólito do início do século terceiro, com uma oração que celebra a obra salvadora de Deus em Cristo na memória eucarística da comunidade.<sup>16</sup>

Nos séculos da antiguidade tardia e início da alta idade média, a celebração e a participação na Eucaristia são vistas como elementos constitutivos em cada comunidade cristã. Assim, na história da Igreja podemos admirar, cheios de gratidão, «*o desenvolvimento ordenado no tempo, das formas rituais em que fazemos memória do acontecimento da nossa salvação. A partir das variadas formas dos primeiros séculos, ainda resplandecentes nos ritos das antigas Igrejas do Oriente, até à difusão do rito romano; desde as indicações claras do Concílio de Trento e do Missal de São Pio V para a renovação litúrgica desejada pelo Concílio Vaticano II: em cada época da história da Igreja a Celebração eucarística, qual fonte e cume da sua vida e missão, resplandece no rito litúrgico em toda a sua multiforme riqueza*».<sup>17</sup>

---

13 Cf. *Didachè* 9-10 e 14-15 in *Sources Chrétiennes (Sch)* 248/bis.

14 C. *Plini Caecili Secundi, Epistularum libri decem*, X, 96; Oxford (1963).

15 JUSTINO, *Apologia* I, 65. 67; 597 in *Sch*.

16 HIPÓLITO, *Tradição Apostólica* 4; em *Sch*/11 bis.

17 BENTO XVI, Exortação Pós-sinodal (2007) *Sacramentum Caritatis [SCa]*, 3.

### 3.3. Uma síntese medieval

O Concílio Vaticano II recorda-nos, de acordo com o ensinamento do "Doutor Angélico",<sup>18</sup> que «*todos os sacramentos, assim como todos os ministérios eclesiásticos e obras de apostolado, estão estreitamente unidos à santíssima Eucaristia e a ela estão ordenados. Com efeito, na santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa e pão vivo*».<sup>19</sup>

Será o próprio São Tomás de Aquino a oferecer, na sua *Summa*, aquela síntese da doutrina eucarística medieval que constituirá a matriz de grande parte do ensino eucarístico subsequente. Tomás sublinha dois pontos de vista.<sup>20</sup> Primeiro que tudo, a Eucaristia é o sacramento mais importante, porque nela está presente essencialmente Cristo, enquanto nos outros sacramentos Cristo vem para ajudar somente pela sua graça e força.

Os outros sacramentos estão ordenados à Eucaristia, que é o fim último da vida sacramental. De facto, o sacramento da ordem tem a finalidade de a tornar presente; o baptismo e em parte a confirmação a de recebê-la; a penitência e a unção dos enfermos perdoa-nos os pecados para se receber dignamente o corpo de Cristo; por fim, no matrimónio, sinal da comunhão de Cristo com a Igreja, a celebração da Eucaristia sela a comunhão dos esposos entre si e com Cristo.

Na celebração da Eucaristia torna-se presente o sacrifício redentor de Cristo, a sua Páscoa de morte e de ressurreição. Por isso a santa Missa é o quadro propício para administrar também os outros sacramentos que, por sua natureza, remetem para a Eucaristia.<sup>21</sup>

### 3.4. A Reforma Protestante e o Concílio de Trento

---

18 Assim foi definido Tomás de Aquino por São Pio V em 1567. Pio XI, na encíclica *Studiorum Ducem* (AAS XV/1923, 309-326), define «*Eucharistiae praeco et vates maximus*».

19 VATICANO II, Decreto (1965) *Presbyterorum Ordinis* [PO], 5.

20 Cf. TOMÁS DE AQUINO, *A Suma Teológica* [STH], Bologna 2014, III, q 65,3; vol. IV p. 781.

21 Cf. STH III, q 79,1; vol. IV p. 1007.

«Ó sagrado banquete em que se recebe Cristo e se comemora a sua paixão, em que a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da futura glória». Na antífona de Vésperas da vigília da solenidade do *Corpus Christi*, a liturgia da Igreja manifesta a sua inesgotável admiração pelo milagre da Eucaristia, e sintetiza a fé católica sobre a essência deste sacramento.<sup>22</sup>

A Eucaristia não só contém a graça, como os outros sacramentos, mas o próprio autor da graça, Cristo e a sua obra salvífica, o sacrifício de salvação; por isso se trata do dom maior.<sup>23</sup> O Concílio de Trento não pretendeu construir um tratado global e completo sobre a Eucaristia, mas apenas responder aos problemas colocados pela reforma<sup>24</sup> e conservar a integridade do mistério.

Sobre a presença real de Cristo na Eucaristia o Concílio ensina que «no admirável sacramento da santa Eucaristia, depois da consagração do pão e do vinho, se contém verdadeira, real e substancialmente nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, sob a aparência daquelas coisas sensíveis».<sup>25</sup> Tal presença real permanente acontece mediante a transubstanciação: «pela consagração do pão e do vinho realiza-se a conversão de toda a substância do pão na substância do corpo de Cristo nosso Senhor, e de toda a substância do vinho na substância do seu sangue. A esta conversão chamou a Igreja católica, adequada e apropriadamente, transubstanciação».<sup>26</sup>

Como alternativa ao termo tridentino de *transubstanciação*, têm sido propostos, nos últimos tempos, os termos *transignificação* e *transfinalização*. Poderiam propor-se ainda outros como mais adequados à cultura de hoje, para descrever esta mudança simultaneamente real e misteriosa. No entanto, nenhum desses termos pode escapar ao limite e à provisoriedade linguística e filosófica do termo *transubstanciação*.<sup>27</sup>

Sobre o carácter sacrificial da santa missa o Concílio de Trento ensina que: «o nosso Deus e Senhor,... na última Ceia, na noite em que foi entregue (1 Cor

---

22 Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica (2004) *Mane Nobiscum Domine* [MND], 29.

23 «A Eucaristia diz-se hóstia enquanto contém o próprio Cristo, que é "hóstia salutar" em *STH* III, q 73.a.4. a 3; vol IV p. 912.

24 Cf. H. DENZINGER, *Echiridion Symbolorum* [DH] por P. Hünermann, 20094 Bolonha, 1725.

25 *DH*, 1636

26 *DH*, 1651

27 C. GIRAUDDO, *In unum corpus*, Cinesello Balsamo 2000, p.453.

11,23 ss), para deixar à igreja, sua Esposa muito amada, um sacrifício visível (como o exige a natureza humana), pelo qual fosse significado aquele sacrifício cruento que iria consumir-se uma única vez sobre a cruz, para lhe prolongar a memória até ao fim dos tempos, aplicando a sua eficácia salvífica à remissão dos nossos pecados quotidianos, ... ofereceu a Deus Pai o seu corpo e o seu sangue sob as espécies do pão e do vinho». <sup>28</sup>

A santa missa não é, portanto, um sacrifício novo, como se o sacrifício único e perfeito de Cristo não tivesse sido eficaz ou suficiente (cf. *Heb 10, 12*), mas é uma "representação": por ela entramos no eterno presente do sacrifício de Cristo. O que se repete é o acto sacramental e a possibilidade da nossa oblação. <sup>29</sup>

Entre estes temas que reproduzem essencialmente os tratados medievais, falta o tema da Eucaristia como sinal de unidade, característico da grande tradição patrística, citado pelo Concílio apenas numa perspectiva moral: «Este santo sínodo com afecto paternal exorta, roga e suplica "pelas entranhas de misericórdia do nosso Deus" [Lc 1, 78], que todos e cada um dos que são chamados cristãos, se unam e estejam de acordo, ao menos por uma vez, neste "sinal de unidade", neste "vínculo de caridade", neste símbolo de concórdia...». <sup>30</sup>

---

28 DH, 1739-1740.

29 Cf. C. JOURNET, *Le mystère de l'Eucharistie*, Paris 1980, p. 33.

30 DH, 1649.

## 4. A EUCARISTIA NO CONCÍLIO VATICANO II

O primeiro impulso inovador, após os decretos do Concílio de Trento, que guiaram nos séculos seguintes a reflexão teológica e a catequese, veio do movimento litúrgico. Partindo de exigências pastorais o movimento contribuiu, entre muitas outras coisas, para redescobrir a Eucaristia, como presença da acção salvífica da Páscoa de Cristo, e a valorização do princípio da "participação activa". Assim, juntamente com a acção do movimento bíblico e patristico, ele preparou o terreno favorável - no contexto do regresso às fontes e à Tradição sancionado pelo Vaticano II - para uma nova síntese da doutrina eucarística. Mesmo sem produzir um texto particular sobre a Eucaristia, o Concílio Vaticano II tratou o tema em muitos documentos, muito além da Constituição sobre a Liturgia.

### 4.1. A Eucaristia é fonte e cume da vida cristã

Para o Concílio Vaticano II a celebração da Eucaristia é *«fonte e cume de toda a vida cristã»*,<sup>31</sup> *«raiz e centro»* da comunidade cristã,<sup>32</sup> *«fonte da vida da Igreja»*,<sup>33</sup> *«fonte e cume de toda a evangelização»*,<sup>34</sup> *«centro e cume de toda a vida da comunidade cristã»*,<sup>35</sup> da qual *«a Igreja continuamente vive e cresce»*.<sup>36</sup>

A afirmação de que a Eucaristia é *«fonte e cume da vida e da missão da Igreja»* radicou-se profundamente na nossa linguagem tornando-se um lugar comum da teologia. A sua origem encontra-se na *Lumen Gentium*, onde, falando do "sacerdócio comum" de todos fiéis, se diz: *«Os fiéis... pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, fonte e centro de toda a vida cristã, oferecem a Deus a vítima divina e se oferecem a si mesmos juntamente com ela»*.<sup>37</sup>

---

<sup>31</sup> CONCÍLIO VATICANO II, Constituição dogmática sobre a Igreja (1964) *Lumen Gentium* [LG], 11.

<sup>32</sup> PO, 6.

<sup>33</sup> CONCÍLIO VATICANO II, Decreto sobre o Ecumenismo (1964) *Unitatis Redintegratio* [UR], 15.

<sup>34</sup> PO, 5.

<sup>35</sup> CONCÍLIO VATICANO II, Decreto sobre a missão pastoral dos Bispos na Igreja (1965) *Christus Dominus* [Chd], 30.

<sup>36</sup> LG, 26.

<sup>37</sup> Esta definição da LG, 11 volta também em: CONCÍLIO VATICANO II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia (1963) *Sacrosanctum Concilium* [SC], 10; Chd, 30; Decreto sobre a actividade missionária da Igreja (1965) *Ad Gentes* [AG], 9 e 39; Decreto sobre o Ecumenismo (1964) *Unitatis Redintegratio* [UR], 15; PO, 5 e 14; Decreto sobre o apostolado dos leigos (1965) *Apostolicam Actuositatem* [AA], 3; Constituição pastoral sobre a Igreja

A Eucaristia não é só o acto de todo o povo sacerdotal dos baptizados, mas é também a "forma", isto é, o modelo, o seio da Igreja. Poderíamos dizer de outro modo, que «na santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa e Pão vivo que com a sua carne, vivificada e vivificante pela força do Espírito Santo, dá a vida aos homens».<sup>38</sup>

O Concílio apresenta depois a Eucaristia em relação não só com o sacrifício da cruz, mas também com a totalidade do mistério pascal: «O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue, para perpetuar o sacrifício da Cruz ao longo dos séculos até que Ele venha, e para confiar à Igreja, sua Esposa amada, o memorial da sua Morte e Ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da glória futura».<sup>39</sup>

Por isso, a Eucaristia não é só uma oração ou um canto, mas a celebração de uma Páscoa, uma acção ordenada não só a produzir ou a causar a presença real, mas a recuperar a riqueza de todo o mistério pascal.

Outra novidade conciliar é a correlação entre a mesa da Palavra e da Eucaristia. A Liturgia da Palavra, oportunamente relacionada com a progressão do ano litúrgico, é parte integrante da celebração. Cristo, na verdade, «está presente na sua palavra, pois é Ele quem fala quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura».<sup>40</sup> Na estrutura binária da celebração eucarística, a Liturgia da Palavra proclama a história da salvação realizada por Deus, enquanto a Liturgia Eucarística celebra e torna presente esta história no seu momento culminantes: a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, a sua Páscoa gloriosa. A primeira parte da missa proclama e torna presente a salvação; a segunda parte realiza-a em plenitude através da participação sacramental no Corpo e Sangue de Cristo. A Palavra cria na assembleia aquela atitude de fé que dá pleno sentido à celebração do sinal sacramental.

---

no mundo contemporâneo (1965) *Gaudium et Spes* [GS], 38. Cf. R. FALSINI, *La liturgia «come culmen et fons»: genesi e sviluppo di un tema conciliare*, in AA.VV., *Liturgia e spiritualità*, Roma 1992, 27–49.

38 PO, 5.

39 SC, 47.

40 *Ibid.*, 7. O mesmo número apresenta a visão geral dos diferentes modos da presença de Cristo na celebração e representa uma das afirmações conciliares mais novas em relação à piedade eucarística medieval.

Esta realidade única é obra do Espírito Santo que suscitou a Palavra e santificou o pão e o vinho para os converter no corpo e sangue de Cristo. «Como da assídua frequência do mistério eucarístico vai crescendo a vida da Igreja, assim também é lícito esperar um novo impulso de vida espiritual se crescer a veneração pela palavra de Deus, que "permanece para sempre"». <sup>41</sup>

## 4.2. A Eucaristia faz a Igreja

No Concílio, a Eucaristia atinge a sua plena dimensão eclesial segundo a expressão do jesuíta francês Henri de Lubac (1896-1991), «*A Eucaristia faz a Igreja*», que ratifica a recuperação do modelo eucarístico desenvolvido pelos Padres da Igreja. A celebração eucarística é um acontecimento dinâmico no qual a Igreja recebe os dons do pão e do vinho transformados para se transformar, por sua vez, no Corpo de Cristo. A assembleia cristã é convidada a receber o Corpo eucarístico de Cristo para se tornar o seu corpo eclesial.

Esta dimensão 'comunional' da Igreja baseada na Eucaristia foi desenvolvida sobretudo na *Lumen Gentium*. Percorrendo rapidamente o documento conciliar, desde o início ali encontramos afirmações importantes: «*Pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo*» <sup>42</sup> que faz referência directa ao texto paulino de 1 Cor 10, 17. A mesma declaração é retomada pouco depois: «*Ao participar realmente do corpo do Senhor no pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e uns com os outros: "Porque há um só pão, nós, que somos muitos, formamos um único corpo, visto participarmos todos do único pão" ( 1 Cor 10, 17). E deste modo nos tornamos todos membros desse corpo (1 Cor 12, 27), sendo individualmente membros uns dos outros*» (Rm 12, 5). <sup>43</sup> A Eucaristia não só indica a unidade da Igreja, mas realiza-a: «*Alimentando-se do corpo de Cristo na santa Comunhão, [os fiéis] mostram concretamente a unidade do povo de Deus, que por este augustíssimo sacramento é adequadamente significado e maravilhosamente efectuado*». <sup>44</sup>

---

41 CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina (1965) DV [DV], 26.

42 LG 3.

43 *Ibid.*, 7.

44 *Ibid.*, 11.

A declaração mais importante sobre este tema encontramos-na, no entanto, na secção que se refere à função episcopal. Depois de deixar claro que a eclesiologia eucarística leva a uma nova avaliação teológica da Igreja particular, afirma-se: «*Em qualquer comunidade do altar sob o ministério sagrado do Bispo, é manifestado o símbolo do amor e da unidade do corpo místico, sem a qual não pode haver salvação*». Nestas comunidades, embora muitas vezes pequenas e pobres ou dispersas, está presente Cristo, por cujo poder se unifica a Igreja una, santa, católica e apostólica pois "outra coisa não faz a participação no Corpo e Sangue de Cristo, do que transformar-nos naquilo que recebemos"». <sup>45</sup>

No período pós-conciliar, o renascimento à eclesiologia eucarística de comunhão veio da Assembleia extraordinária do Sínodo dos Bispos em 1985 que colocou no centro dos seus trabalhos a Igreja como Comunhão: «*A eclesiologia de comunhão é a ideia central e fundamental nos documentos do Concílio (...). Trata-se, fundamentalmente, da comunhão com Deus por meio de Jesus Cristo, no Espírito Santo. Esta comunhão acontece na Palavra de Deus e nos sacramentos. O baptismo é a porta e o fundamento da comunhão na Igreja. A Eucaristia é a fonte e o cume de toda a vida cristã. A comunhão do Corpo eucarístico de Cristo significa e produz, ou seja edifica, a íntima comunhão de todos os fiéis no Corpo de Cristo que é a Igreja*». <sup>46</sup>

Por isso João Paulo II poderá afirmar que «*há um influxo causal da Eucaristia nas próprias origens da Igreja*». <sup>47</sup>

---

45 *Ibid.* 26.

46 *Relatório Final*, II C 1; em ENCHIRIDION VATICANUM 9, Bologna 1987 p. 1761.

47 JOÃO PAULO II, Carta Encíclica (2003) *Ecclesia de Eucharistia* [EE], 21

## 5. A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA, FONTE E CUME DA VIDA ECLESIAL

A estrutura celebrativa da Eucaristia é apresentada assim pela Instrução Geral do Missal Romano: «A Missa consta, por assim dizer, de duas partes: a Liturgia da palavra e a Liturgia eucarística. Estas duas partes, porém, estão entre si tão estreitamente ligadas que constituem um único acto de culto. De facto, na Missa é posta a mesa, tanto da palavra de Deus como do Corpo de Cristo, mesa em que os fiéis recebem instrução e alimento. Há ainda determinados ritos, a abrir e a concluir a celebração».<sup>48</sup>

A missa é constituída por uma dupla mesa<sup>49</sup> enquadrada por alguns momentos rituais menores e todavia necessários ao equilíbrio de toda a celebração. Tudo isto chegou até nós a partir de uma rica e secular tradição de fé que a reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II, ponderou atentamente, a fim de conduzir os fiéis «a uma participação consciente, activa e plena, exterior e interior, ardente de fé, esperança e caridade; participação vivamente desejada pela Igreja e exigida pela própria natureza da celebração».<sup>50</sup>

Por isso o rito litúrgico, celebrado na fidelidade da Igreja ao mandato do seu Senhor («Fazei isto em memória de mim»), é o fruto permanente e vital da obra de evangelização realizada por Jesus Cristo, e por Ele confiada aos Apóstolos e aos seus sucessores. Recordam-no os Actos dos Apóstolos no resumo dedicado à vida da comunidade apostólica (*Act* 2, 42,46-47). O apóstolo Paulo recorda-o no seu testemunho aos habitantes de Corinto (*1 Cor* 11, 23). Deixa-o entrever o evangelista Lucas na história dos discípulos de Emaús (*Lc* 24, 13-35) onde a experiência pascal do Senhor ressuscitado se apresenta com os traços característicos de uma liturgia eucarística dominical.

No gesto litúrgico da celebração que é o anúncio da Páscoa de Cristo e da sua segunda vinda; a fonte da vida, da fé e da missão; a escola comunitária e

---

48 *Instrução Geral do Missal Romano [IGMR]*, 28. As liturgias das diversas Igrejas orientais, católicas e ortodoxas, seguem em linhas gerais a mesma estrutura, ao passo que nos pormenores apresentam, mesmo entre elas, uma rica diversidade.

49 *SCa*, 44: «A partir das duas mesas, a da palavra de Deus e a do Corpo de Cristo, a Igreja recebe e oferece aos fiéis o Pão de vida».

50 *IGMR*, 18.

popular da comunhão; o impulso dinâmico para a evangelização. Para descobrir os tesouros percorramos de novo o itinerário ritual de cada celebração eucarística com o método da mistagogia.<sup>51</sup>

## 5.1. A celebração eucarística, fonte da vida cristã

### a. Ritos iniciais

«*Reunido o povo...*».<sup>52</sup> As palavras da Instrução Geral do Missal Romano são essenciais para compreender o que constitui a celebração eucarística. A assembleia do povo de Deus é a primeira realidade sacramental da missa. Esta convocação eclesial, para além do seu concreto constituir-se, e das preocupações de cada um é, na realidade, uma convocação divina. O que nem sempre é claro na mente dos fiéis e dos pastores, porque às motivações de fé se misturam outras motivações. Os ritos iniciais têm a finalidade de mediar entre as intenções dos sujeitos convocados a celebrar e as exigências da própria celebração.

Os ritos iniciais (canto, sinal da cruz, saudação da assembleia pelo presidente, admoção introdutória, acto penitencial, Glória e colecta)<sup>53</sup> enquanto estabelecem a comunicação entre Deus e o seu povo, e dos fiéis entre si, desdobram todo o seu potencial em ordem à evangelização da mente e do coração dos fiéis.

A veneração do altar pelo presidente e o sinal da cruz evidenciam a qualidade sacramental do altar e da assembleia. A saudação com a fórmula breve «*O Senhor esteja convosco*» ou com outras fórmulas, manifesta ao mesmo tempo a presença de Cristo ressuscitado no meio dos seus e o mistério da Igreja reunida. As diversas fórmulas do acto penitencial são dirigidas a Deus ou a Cristo para pedir o perdão dos pecados e são um chamamento à conversão mais que uma culpabilização. Depois do hino do Glória, o sacerdote, dizendo: «*Oremos*», convida a um momento de oração silenciosa antes de dizer a ora-

---

51 Assim escreve o *Catecismo da Igreja Católica*: «*A catequese litúrgica visa introduzir no mistério de Cristo (ela é "mistagogia"), partindo do visível para o invisível, do sinal para o significado, dos «sacramentos» para os «mistérios»* (n. 1075 ). Cf. C. GIRAUDO, *In unum corpus...* cit.; P. DE CLERCK, *La celebrazione eucaristica. Senso e dinamica*, in M. BRUARD (dir.), *Eucharistia*, Bologna 2004, pp. 379-397

52 IGMR, 47.

53 *Ibid.*, 46: «*A finalidade destes ritos é estabelecer a comunhão entre os fiéis reunidos e dispô-los para ouvirem devidamente a palavra de Deus e celebrarem dignamente a Eucaristia*».

ção que recolhe numa formulação eclesial a oração da assembleia. O «*Amen*» que conclui a oração proclama a fé na bondade de Deus, que escutará a invocação do seu povo.

Com os ritos iniciais, os fiéis constituem a «*assembleia santa*» e recebem aqui a boa notícia de que «*tendo sido regenerados, não de uma semente corruptível, mas de uma incorruptível, para a glória de Deus vivo, não da carne mas da água e do Espírito Santo, constituem "uma geração eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo adquirido ... Aquele que antes nem sequer era um povo, mas agora é o povo de Deus" »*».<sup>54</sup>

### **b. A Liturgia da Palavra**

A convocação eucarística chega, então, à mesa da Palavra, onde a proclamação das Escrituras se torna encontro de graça com o Senhor ressuscitado.<sup>55</sup> Enquanto se escuta a Palavra proclamada na assembleia litúrgica, a celebração em acto é inserida na lógica da história da salvação, faz-se a experiência eclesial da revelação divina, e entramos na escola do Senhor Jesus, o único e verdadeiro mestre.

A Liturgia da Palavra ensina a fazer uma síntese unificada do Antigo e do Novo Testamento, tal como quer o ordenamento celebrativo do Leccionário, que abriu «*mais largamente os tesouros bíblicos, de modo que, dentro de um determinado período de tempo, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura*».<sup>56</sup> A grande intuição patrística pela qual o Novo Testamento é prefigurado no Antigo Testamento, e o Antigo é totalmente revelado no Novo, está na base do uso litúrgico da Escritura. Neste sentido, a proclamação do Evangelho torna-se o ponto focal do diálogo salvífico mantido entre Deus e o seu povo ao longo da história: "*Cristo não fala no passado mas no nosso presente, dado que Ele está presente na acção litúrgica. Neste contexto sacramental da revela-*

---

54 Cf. LG, 9.

55 IGMR, 55: «*Nas leituras, comentadas pela homilia, Deus fala ao seu povo, revela-lhe o mistério da redenção e salvação e oferece-lhe o alimento espiritual. Pela sua palavra, o próprio Cristo está presente no meio dos fiéis. O povo faz sua esta palavra divina com o silêncio e com os cânticos e a ela adere com a profissão de fé. Assim alimentado, eleva a Deus as suas preces na oração universal pelas necessidades de toda a Igreja e pela salvação do mundo inteiro*».

56 SC, 51.

ção cristã, o conhecimento e estudo da Palavra de Deus permitem-nos apreciar, celebrar e viver melhor a Eucaristia». <sup>57</sup>

O anúncio feito na homilia ajuda a transformar a escuta ao acolhermos a Palavra, amadurecendo a disponibilidade ao Evangelho e ajudando a assumir o exemplo de Cristo, que se ofereceu ao Pai e aos irmãos. <sup>58</sup> A homilia tem por fim dar aos fiéis a possibilidade de comunicar o mistério que vieram celebrar.

A Liturgia da Palavra conclui-se com a oração universal onde «o povo exerce o seu sacerdócio baptismal», <sup>59</sup> orando por si e pelo mundo.

### c. A liturgia eucarística

A passagem da liturgia da Palavra à liturgia eucarística favorece a integração recíproca de Palavra e Sacramento e permite aos fiéis perceber que a Palavra dispõe para o Sacramento e o Sacramento actualiza eficazmente a Palavra.

O esquema celebrativo da liturgia eucarística (dons - oração eucarística - comunhão) apresenta-se como uma 're-presentação' litúrgico-ritual dos actos de Cristo na última Ceia.

Os ritos da apresentação dos dons anunciam claramente a bondade de toda a criação porque o «*fruto da terra e do trabalho do homem*» se destina a ser o sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor. Este é fonte de bênção, porque o olhar sobre as coisas criadas abre o coração ao agradecimento e graças à oferta do pão e do vinho prepara-se o alimento «super-substancial» («*èpiousios*», Mt 6,11) e celeste.

Em relação à oração eucarística, coração de todo o rito litúrgico, fixamos a atenção ao menos sobre dois dos seus aspectos mais significativos: a *anamnese* e a *epiclese*.

A *anamnese* é a celebração-memorial das obras de Deus em favor do seu povo. Por isso, a oração eucarística começa com o louvor, o agradecimento, a exaltação de Deus pelas palavras e os gestos com os quais Ele transformou a

---

57 SCa, 45.

58 Cf. C. M. MARTINI, *Sia pace sulle tue mura*, Bologna 1984, pp. 128-129.

59 IGMR 69.

história do mundo num lugar de salvação. No topo dos prodígios realizados por nós está a memória da Páscoa do Filho "amado", «*sinal de eterna aliança*». <sup>60</sup>

A *epiclese*, que é a invocação do Espírito por meio do qual se realiza o sacramento, desenvolve-se antes de mais com uma oração de invocação: «*Vós, Senhor, sois verdadeiramente santo, sois a fonte de toda a santidade... santificai estes dons derramando sobre eles o vosso Espírito*». <sup>61</sup> Pão e vinho são convertidos pelo poder do Espírito no Corpo e Sangue do Senhor (primeira *epiclese*), de modo que «*quantos vamos participar do mesmo pão e do mesmo cálice... reunidos pelo Espírito Santo num só corpo, sejamos, em Cristo, uma oferenda viva para louvor da vossa glória*» (segunda *epiclese*). <sup>62</sup>

É por meio do Espírito que a Igreja que celebra a Eucaristia se entrega a si mesma e entrega ao mundo o corpo sacramental do Senhor Jesus a fim de que, na comunhão do único pão, todos nos tornemos no Corpo eclesial de Cristo, seu povo santo.

Todas as orações eucarísticas, de ontem e de hoje, conduzem a celebração para este resultado eclesial: o fruto próprio e específico da santa Missa é a edificação da comunidade cristã na sua comunhão de vida com Jesus Cristo e na partilha de destino com os irmãos de fé.

Participando na oração eucarística, os fiéis louvam, bendizem, glorificam o Senhor. Na acção de graça que toda a Igreja, cabeça e corpo, dirige ao Pai pela sua obra de salvação mas sobretudo por ter enviado o seu Filho, os fiéis presentes seguem Jesus que «*tendo amado os seus que estavam no mundo os amou até ao fim*» (Jo 13,1). Eucaristia após Eucaristia estes aprendem a dizer com Ele: «*Isto é o meu corpo entregue por vós*» e tornam-se «*em Cristo uma oferenda viva para louvor da vossa glória*». <sup>63</sup> Assim, a oração eucarística celebra o centro vivo do Evangelho, que é representado pelo mistério pascal.

#### **d. Os ritos da Comunhão**

Terminada a oração eucarística, o *Pai nosso*, o rito da paz e a fracção do pão conduzem à comunhão que é o ponto culminante da missa: agora Cristo ofe-

---

60 *Oração Eucarística da Reconciliação I.*

61 *Oração Eucarística II.*

62 *Oração Eucarística IV.*

63 *Oração Eucarística IV.*

rece-se efectivamente aos seus irmãos e às suas irmãs, envolve-os na sua "passagem" pascal, alimenta-os e os introduz na vida trinitária.

Na catequese eucarística neo-testamentária, a Eucaristia é o pão do caminho, o alimento necessário a cada estado de vida. A acção eucarística é ordenada não só a produzir ou a causar a presença eucarística, mas a fazer comunhão, a entrar na lógica da vida daquele que se faz alimento. A Eucaristia torna-se assim para nós a acção de comunicar o dom do Senhor, comportando-nos como Jesus Cristo que *"apesar de ser de condição divina, não considerou um privilégio o ser como Deus»* (Fil 2, 5-6). A procissão comum ao Sacramento, para receber o mesmo pão da vida, o *Amen* que atesta de modo pessoal a mesma fé da Igreja, o canto e o silêncio comum para dar graças, tudo se torna fonte de caridade para a vida do crente: na comunhão com Jesus, pão da vida, nasce a disponibilidade para construir a fraternidade humana.

#### *e. Os ritos de conclusão*

A missa conclui-se reenviando para a vida e para a missão. A oração depois da Comunhão pede que os frutos da Eucaristia celebrada manifestem visivelmente o novo rosto da humanidade dos discípulos do Senhor.

A bênção final recolhe sinteticamente a riqueza dos dons de Deus experimentados ao longo da celebração e faz deles o viático para o testemunho a dar no mundo. A despedida (*«Ide em paz e o Senhor vos acompanhe»*) é ao mesmo tempo um convite a guardar o dom recebido e um mandato a fim de que quantos participaram na missa vão introduzir nas realidades deste mundo o Espírito recebido durante a celebração: *«Concéde nobis , omnipotens Deus, ut de percéptis sacraméntis inebriémur atque pascámur, quátenus in id quod súmimus transeámus»* *«Deus todo-poderoso, que neste sacramento saciais a nossa fome e a nossa sede, fazei que, ao comungarmos o Corpo e o Sangue do vosso Filho, nos transformemos n' Aquele que recebemos»*.<sup>64</sup>

## **5.2. O culto eucarístico fora da missa**

---

64 *Oração depois da comunhão do 27º Domingo do Tempo Comum no Missale Romanum.*

O culto eucarístico fora da missa é regulamentado pela Igreja no correspondente Ordo intitulado *De sacra communione et de cultu mysterii eucharistici extra missam*.<sup>65</sup> Enquanto traduz liturgicamente as normas expressas pela Instrução *Eucharisticum mysterium*, o ritual oferece critérios para o ordenamento do culto eucarístico que provêm da visão da Eucaristia do Vaticano II. Significativa é a ordem dos três grandes capítulos que compõem o ritual: a comunhão fora da missa; a comunhão e o viático levados ao enfermo; as diversas formas de culto a prestar à Eucaristia. É propriamente nesta última parte, que se encontra a apresentação do significado da adoração, juntamente com a resposta a numerosas questões práticas. É a referência fundamental da qual não se pode prescindir.

Se o motivo fundamental da conservação das espécies consagradas, testemunhado pela tradição, é a comunhão levada aos ausentes e aos enfermos em forma de viático, a propósito do culto eucarístico afirma-se que «a celebração da Eucaristia no sacrifício da Missa é verdadeiramente a origem e o fim do culto que à mesma Eucaristia se presta fora da Missa».<sup>66</sup> Dado que a celebração da Eucaristia é «o centro de toda a vida cristã» deve atender-se a que «no culto do Santíssimo Sacramento transpareça claramente, através de sinais, a sua relação com a Missa».<sup>67</sup>

«O acto de adoração fora da santa Missa - recordava Bento XVI - prolonga e intensifica aquilo que se fez na própria celebração litúrgica. Com efeito, somente na adoração pode maturar um acolhimento profundo e verdadeiro. Precisamente neste acto pessoal de encontro com o Senhor amadurece depois também a missão social, que está contida na Eucaristia e deseja romper as barreiras não apenas entre o Senhor e nós mesmos, mas também, e sobretudo, as barreiras que nos separam uns dos outros».<sup>68</sup>

O princípio essencial e fundamental que vincula celebração e culto eucarístico fora da missa permite antes de tudo dar a este último as suas coordena-

---

65 SACRA CONGREGATIO PRO CULTU DIVINO, *De Sacra Communione et de Cultu Mysterii Eucharistici extra Missam*, = RITUALE ROMANUM ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum (21 iunii 1973), Editio typica, Typis Polyglotis Vaticanis 1973, in *Enchiridion Vaticanum IV*, pp. 1624-1659.

66 *Ibid.* 2.

67 *Ibid.* 82.

68 *SCa*, 66

nadas espaciais. Por causa da indispensável relação que une o culto eucarístico à celebração «*evite-se cuidadosamente tudo aquilo que de algum modo possa obscurecer o desejo de Cristo que instituiu a Santíssima Eucaristia principalmente para estar à nossa disposição como alimento, remédio e conforto*». <sup>69</sup> Por isso se especifica que se ponha «*a píxide ou a custódia sobre a mesa do altar*» afirmando assim que o lugar da adoração eucarística é o altar da celebração. <sup>70</sup> Por esta razão o culto eucarístico fora da missa realiza-se normalmente na igreja ou capela onde se participa na mesa da palavra e do pão.

O vínculo entre celebração e culto eucarístico fora da missa, permite não só sublinhar a "presença real" do Senhor, mas considerar também com atenção as outras dimensões deste mistério que foram postas em evidência, ou consideravelmente enriquecidas, pela reflexão teológica do século XX. Porque «*com a Eucaristia não se passa da não presença à presença de Cristo, mas da sua presença multiforme ao memorial do seu entregar-se em sacrifício, entrando em comunhão com Ele que se dá a si mesmo tornando-nos participantes da nova aliança no seu sangue*». <sup>71</sup> É necessário, pois, deixar-se formar pela objectividade do mistério eucarístico, memorial da Páscoa do Senhor, do qual nasce a Igreja: se Palavra e Eucaristia são o mesmo pão que é comido e assimilado, as duas faces do mesmo mistério que se iluminam mutuamente, no desenvolvimento do culto eucarístico é indispensável a proclamação de algumas passagens da Palavra de Deus, especialmente dos da missa do dia.

Finalmente, uma vez que a graça específica da Eucaristia é a construção do corpo eclesial, também o culto eucarístico comporta uma dimensão comunitária que prevalece sobre um caminho simplesmente individual ou intimista. <sup>72</sup>

As devoções eucarísticas chegadas até nós cresceram, em geral, sobre a base de uma teologia eucarística individualista. <sup>73</sup> Agora «*uma vez que a celebração eucarística é o centro e o cume de todas as várias manifestações e formas de pi-*

---

<sup>69</sup> *Ritual*, 82.

<sup>70</sup> *EM*, 67.

<sup>71</sup> L. GIRARDI, «*Del vedere l'ostia*». *La visione come forma di partecipazione*, in *Rivista Liturgica* 87 (2000), p. 445.

<sup>72</sup> Cf. D. MICHLER, *L'adorazione eucaristica. Riflessione teologica e progetto pastorale*, San Paolo, Cinesello Balsamo 2003, pp. 58.

<sup>73</sup> W. KASPER, *Ecclésiologie eucharistique: de Vatican II à l'exhortation Sacramentum Caritatis*, in *L'Eucharistie don de Dieu pour la vie du monde. Actes du Symposium international de théologie. Congrès eucharistique, Québec, Canada, 11-13 juin 2008*; CECC Ottawa, 2009, p. 211.

*idade... é preciso harmonizar segundo uma eclesiologia eucarística orientada para a comunhão todas as devoções, mesmo as recomendadas e encorajadas pela Encíclica "Ecclesia de Eucharistia" e pela Exortação pós-sinodal "Sacramentum caritatis" ».*<sup>74</sup>

No contexto da vocação comunitária da adoração eucarística, encontra espaço também o gesto de adoração individual levado a cabo pelos membros dos institutos de vida consagrada, pelos simples fiéis e por muitos jovens que, pessoalmente, passam parte do seu tempo em oração diante do Sacramento do altar. Em silêncio, colocam-se sob o olhar amoroso de Cristo e, pelo dom do Espírito Santo, reconhecem a sua presença no sinal do pão partido. O acolhimento do Senhor ressuscitado gera espontaneamente o louvor, a acção de graças, o desejo de uma profunda comunhão com o Senhor, a oração pela Igreja e pelo mundo.<sup>75</sup> Assim, através da paragem orante diante do sacramento eucarístico, amadurece um generoso compromisso de vida cristã para viver e testemunhar o Evangelho na complexidade do mundo de hoje.

---

<sup>74</sup> BENTO XVI, *Discurso à Assembleia Plenária do Comité Pontifício para os Congressos Eucarísticos Internacionais* (11 novembro 2010), in AAS 102 (2010), pp. 900-902.

<sup>75</sup> J. M. CANALS, *Orar na presença sacramental e permanente de Cristo*, en M. BROUARD (dir.), *Eucharistia. Encyclopédie de l'Eucharistie*, Bilbao 2004, pp. 837-848.

## **6. A EUCARISTIA, FONTE DA TRANSFORMAÇÃO DAS COISAS CRIADAS**

### **6.1 Significado cósmico da Eucaristia**

O mistério da Eucaristia é o resumo e o centro de todo o mistério da fé. Nela se concentra o sacrifício pascal de Jesus, da sua bem-aventurada paixão, da sua morte salvífica e da sua gloriosa ressurreição. Nela se realiza e se estende a todo o cosmos o acontecimento de recapitulação inaugurada pela encarnação de Cristo: *«N'Ele temos a redenção, pelo seu Sangue, a remissão dos nossos pecados; segundo a riqueza da sua graça, que Ele nos concedeu em abundância, com plena sabedoria e inteligência, deu-nos a conhecer o mistério da sua vontade; segundo o beneplácito que n'Ele de antemão estabelecera, para se realizar na plenitude dos tempos: recapitular todas as coisas em Cristo, tudo o que há nos céus e na terra»* (Ef 1, 7-10).

A Eucaristia tem uma dimensão cósmica que abraça tudo. O seu efeito universal ultrapassa a Igreja, a humanidade, os vivos e os mortos, e afecta tudo o que foi criado. Ela dispõe desta universalidade cósmica porque contém Cristo, morto e ressuscitado por nós, que é o princípio e o fim de toda a criação (cf. Col 1, 15-17).

Com a sua ressurreição Jesus derrotou o poder do pecado e da morte, fez resplandecer o sentido último da vida humana e da criação, e prefigurou o seu cumprimento. A sua ressurreição é o fundamento seguro *«dos novos céus e da nova terra»* que esperamos (2 Pe 3, 13), início da nova criação do universo (cf. Ap 21,5). É o princípio daquela transformação total de que o homem se torna participante, ressurgindo juntamente com Cristo, e à qual toda a criação é misticamente chamada.

### **6.2. A missa sobre o altar do mundo**

Cristo, o Redentor de todas as coisas criadas, vem a nós na santa missa e está presente na Eucaristia. *«Por Ele, com Ele e n'Ele»* é do Pai *«toda a honra e toda a glória, na unidade do Espírito Santo»*, mesmo a honra e a glória vindas dos

homens, dos anjos, e de todo o universo. Por isso, o sacerdote reza assim na oração eucarística: «*Senhor, todas as criaturas cantam os vossos louvores*»;<sup>76</sup> e introduzindo a recitação do *Sanctus*, o hino de louvor a Deus da parte de todo o cosmos, proclama: «*Com eles (os anjos) também nós e, pela nossa voz, a criação inteira, aclamamos o vosso nome, cantando com alegria*». A conclusão da oração eucarística, diz assim: «*E a todos nós, vossos filhos, concedei, Pai de misericórdia, a graça de alcançarmos a herança do Céu... para que, no vosso reino, com a criação inteira liberta do pecado e da morte, cantemos eternamente a vossa glória*».<sup>77</sup>

A dimensão cósmica da celebração da Eucaristia alimenta a esperança de toda a criação: «*Mesmo quando é celebrada no altar humilde de uma igreja do campo, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, sobre o altar do mundo. Ela une o céu e a terra. Abraça e impregna toda a criação. O Filho de Deus fez-se homem, a fim de restaurar todas as coisas, num supremo acto de louvor, Àquele que tudo fez a partir do nada. E assim Ele, o Sumo e Eterno Sacerdote, que pelo sangue da sua cruz entrou no santuário eterno, restitui ao Criador e Pai toda a criação redimida*».<sup>78</sup>

A relação entre a criação renovada pela Páscoa de Cristo e a Eucaristia, é bem expressa pelo facto de que os primeiros cristãos se reuniam no primeiro dia da semana para celebrar a Eucaristia. No primeiro dia da semana o túmulo de Cristo foi encontrado vazio e o Senhor ressuscitado apareceu pela primeira vez aos seus discípulos. A Eucaristia do «*dia do Senhor*», celebra o Cristo ressuscitado. O mesmo primeiro dia da semana - partindo do Antigo Testamento - recorda também o primeiro dos sete dias da criação. Assim, desde o início, os cristãos celebraram na Eucaristia o mistério de Cristo morto e ressuscitado, a fonte da nova criação, na esperança da sua vinda gloriosa. «*O domingo é o dia da Ressurreição, o "primeiro dia" da nova criação, que tem as suas primícias na humanidade ressuscitada do Senhor, garantia da transfiguração final de toda a realidade criada*».<sup>79</sup>

---

76 *Oração Eucarística III.*

77 *Oração eucarística IV.*

78 *EE,8.* [O autor que mais decisivamente se orientou nesta direcção foi o jesuíta Pierre Teilhard de Chardin. Recorde-se o seu pequeno livro *A Missa sobre o mundo* de 1923, escrito no deserto de Ordos na China no dia da transfiguração quando, encontrando-se sem pão e sem vinho, ele apresenta a Deus a história do Universo como uma grande oferta que por meio de Cristo, no Espírito, reconduz tudo ao Pai: «*Dado que, uma vez mais, estou sem pão, sem vinho e sem altar, elevar-me-ei acima dos símbolos até à majestade pura do real, e oferecer-te-ei, eu, teu sacerdote, sobre o altar da terra total, o trabalho e o sofrimento do mundo*» (obra cit., 9-23)].

79 PAPA FRANCISCO, Carta encíclica (2015) *Laudato si* [LS], 237.

Por isso, cada domingo, a comunidade cristã celebra a Eucaristia anunciando a morte salvífica de Jesus, proclamando a sua ressurreição na esperança da sua vinda como Senhor de todas as criaturas .

### 6.3. A Eucaristia e a transformação das criaturas

A Eucaristia não é só o centro da liturgia do cosmos, mas é também lugar da exaltação e da transformação da realidade criada. O pão e o vinho - como dons criados - são elevados a uma ordem superior do ser, quando se tornam o sacramento da presença de Cristo ressuscitado. Realiza-se uma *«mudança admirável»*: nós colocamos sobre o altar os frutos da terra e do trabalho do homem, e mediante a oração eucarística, o Cristo ressuscitado torna-se presente no pão e no vinho. *«A criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através de um fragmento de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para poderemos encontrá-l’O a Ele no nosso próprio mundo. Na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e de vida sem fim. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus. Com efeito a Eucaristia é, por si mesma, um acto de amor cósmico... [...] A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração»*.<sup>80</sup>

A "conversão" eucarística é o início daquela transformação definitiva e grandiosa a que toda a criação está destinada. *«A conversão substancial do pão e do vinho no seu Corpo e seu Sangue insere na criação o princípio de uma mudança radical, como uma espécie de "fissão nuclear"[...] uma mudança destinada a suscitar um processo de transformação da realidade, cujo fim último é a transfiguração do mundo inteiro, até chegar àquela condição em que Deus seja tudo em todos»* (1 Cor 15, 28).<sup>81</sup>

Em suma, em cada santa missa, por obra do Espírito Santo, o pão e o vinho tornam-se o Corpo e o Sangue de Cristo e aqueles que comungam o Sacramento transformam-se em Cristo. Estas mudanças antecipam a grande transformação que se realizará na ressurreição do corpo e na nova criação.

---

80 *Ibid.*, 236.

81 *SCa*, 11.

A Eucaristia, centro do louvor de Deus por parte dos seres criados, alimenta a nossa esperança na ressurreição e na transformação definitiva do cosmos, e é a fonte do nosso compromisso em proteger a criação.

## 7. A EUCARISTIA, FONTE DA SANTIDADE

Na Igreja, Corpo de Cristo, «cada membro tem uma função diferente», porque «temos dons diferentes, segundo a graça dada a cada um de nós” (cf. Rom 12, 4,6). Assim, cada membro da Igreja realiza a sua vocação cristã segundo uma forma pessoal de vida. O Concílio Vaticano II ensina que «uma única santidade é cultivada por quantos são movidos pelo Espírito de Deus nos vários géneros de vida e nas várias actividades», e que entre as vias e meios de santidade para alcançar a perfeição correspondente ao próprio estado de vida, não pode faltar a frequência dos sacramentos, «especialmente a Eucaristia».<sup>82</sup>

### 7.1. O exemplo dos mártires húngaros do século XX

Na oração eucarística dirigimo-nos ao «Pai verdadeiramente santo, fonte de toda a santidade»<sup>83</sup> que «por Jesus Cristo com o poder do Espírito Santo», dá a vida e santifica todas as coisas.<sup>84</sup> É precisamente através da Eucaristia que cada baptizado se torna capaz de se comportar de maneira digna do chamamento recebido (cf. Ef 4,1).

Muitos mártires e santos húngaros do século XX, com a força da Eucaristia e imitando o dom da vida de Cristo, tornaram-se «um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus» (cf. Rom 12, 1). Recordamos alguns dos seus exemplos que iluminaram a história da Igreja húngara no século passado.<sup>85</sup>

O Beato János Brenner (1931-1957)<sup>86</sup> é um dos sacerdotes, com cujo destino o regime de estado-partido queria intimidar a Igreja. Padre János foi chamado à cabeceira de um doente na noite de 14 de Dezembro de 1957. Na estrada os homens da polícia secreta mataram-no brutalmente. Por isso, na Hungria,

---

82 LG, 41 e 42.

83 Oração Eucarística II.

84 Oração Eucarística III.

85 Por exemplo: os Beatos Szilárd Bogdánffy, János Scheffler, Zoltán Meszlényi, Péter Pál Gojdics, István Sándor, os sete mártires franciscanos.

86 CSÁSZÁR, ISTVÁN - SOÓS, VIKTOR ATTILA, *Magyar Tarzícius. Brenner János élete és vértanúsága 1931-1957 [III Tarcisio ungherese. La vita e il martirio di János Brenner, 1931-1957]*, Szombathely 2003, pp. 49-51.

veneramo-lo como o San Tarcísio húngaro, mártir da Eucaristia. Indicando-nos o Cristo vivo na Eucaristia, tornou-se, ao mesmo tempo, um exemplo para os religiosos - era de facto membro "secreto" da Ordem Cisterciense abolida pela ditadura comunista - e para os sacerdotes diocesanos.

Mesmo o bispo de Győr, o *Beato Vilmos Apor* (1892-1945), tornou-se capaz de atingir o martírio pela sua forte espiritualidade eucarística. Dizia muitas vezes aos seus seguidores: «*É inútil frequentar a santa missa se não temos em nós a caridade activa que nasce da fé*». Durante a ocupação alemã defendeu os perseguidos sem olhar à sua confissão religiosa ou raça. Em 1945, na Quinta-feira Santa ainda celebrou a instituição da Eucaristia com os seus sacerdotes e fiéis. No dia seguinte, Sexta-feira Santa, foi fuzilado por um soldado soviético, quando tomou a defesa das mulheres refugiadas no sótão do palácio episcopal.

Também a *Beata Sára Salkaházi* (1899-1944), religiosa, salvadora dos hebreus, recebeu a força para o martírio da espiritualidade eucarística. «*Da Eucaristia vem toda a força*», escreveu ela no seu diário.<sup>87</sup> Dentro da sociedade de vida apostólica das Irmãs do Serviço Social, lutou contra as exigências desumanas da propagação do nacional-socialismo. Entre as cerca de mil pessoas a quem a comunidade ofereceu asilo, quase cem foram salvas pessoalmente pela Irmã Sára. Orava muito, até na missa quotidiana, para ter a força necessária para esta luta. Presa pelos membros do partido fascista húngaro em 27 de dezembro de 1944, foi fuzilada e lançada ao rio Danúbio.

O Servo de Deus József Mindszenty (1892-1975), cardeal, arcebispo de Esztergom foi condenado pelo estado comunista num julgamento de fachada pela sua tomada de posição corajosa contra o poder ateu e pela defesa destemida dos direitos da Igreja e dos direitos humanos. Descreveu, de maneira comovente como, durante o seu encarceramento que durou oito anos, a fonte de sua fidelidade e do perdão cristão, a espiritualidade da reconciliação e o conforto da sua prisão foi a santa missa diária e a adoração da presença real de Cristo no cárcere: «*Eu guardava com ânsia a Eucaristia. Sabia que, enquanto nos levavam para o passeio buscavam a rebuscavam a minha cela, e por isso a levava comigo mesmo nas caminhadas, inclusive em Vác. Comungava também ali. A miúdo*

---

87 D. ISTVÁN (Eds), *Boldog Salkahazi Sara. Emlékkönyv* [*Beata Sára Salkaházi. Libro memorial*], Budapeste 2006.

*fazia também a adoração de tal maneira que durante a noite a tinha ao meu lado no escuro. Tocava-a através do véu. Quanto significa Jesus no sacramento para o prisioneiro fechado na sua cela!».*<sup>88</sup>

O Bispo grego católico de Trascarpazia, *Beato Teodor Romzsa* (1911-1947)<sup>89</sup> foi morto pela polícia secreta por ordem de Stalin. É conhecido o seu profundo amor pela Eucaristia. O seu último acto, como prelado, foi a dedicação de uma igreja. Quando regressava a casa, foi atingido por um camião e assassinado no hospital com uma injeção de veneno.

O Bispo grego católico *Péter Orosz* (1917-1953),<sup>90</sup> ordenado em segredo já era admirado no tempo de seminarista pelo seu amor que dava tudo. Viveu desta forma também como bispo. O soldado que o prendeu quando levava a Eucaristia a um doente, fuzilou-o quando se ajoelhava diante de uma cruz ao longo da estrada.

## 7.2. Uma vocação universal à santidade

Em cada época da história da Igreja, em qualquer latitude da geografia mundial, os Santos pertencem a todas as idades e estados de vida; são rostos concretos de cada povo, língua e nação. Amaram e seguiram Cristo em sua vida quotidiana e asseguram-nos que é possível a todos percorrer o mesmo caminho.

As suas vidas, amadurecidas na fé da Igreja, mostram o verdadeiro rosto do cristianismo. Nós gozamos da sua presença e da sua companhia e cultivamos a firme esperança de poder imitar o seu caminho para partilhar com eles um dia a vida abençoada.

Todos somos chamados à plenitude da vida. São Paulo exprime-o com grande intensidade, quando escreve: «*A cada um de nós foi dada a graça, segundo a medida do dom de Cristo... A alguns constituiu como Apóstolos, a outros serem Profetas, a outros ainda serem Evangelistas, a outros de serem Pastores e*

---

88 J. MINDSZENTY, *Emlékirataim [Memorie]*, Budapest 2015, 395–396.

89 L. PUSKAS, *Megalkuvás nélkül - Boldog Romzsa Tódor élete és vértanúhalála [Sem compromisso. La vita e il martirio di Beato Tódor Romzsa]*, Budapest 2005.

90 L. PUSKÁS, *Ilyeneké Isten országa. Isten Szolgája Orosz Péter (1917–1953) titokban felszentelt püspök élete és vértanúsága [Di questi è il regno dei cieli. Vita e martirio del vescovo segretamente ordinato Péter Orosz (1917-1953)]*, Nyíregyháza 2010.

*Mestres, em ordem a preparar os santos a realizar o ministério, para a construção do Corpo de Cristo, até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao homem adulto, à medida completa da plenitude de Cristo» (Ef 4, 7,11-13).*

O Concílio Vaticano II faz-se eco das palavras do Apóstolo, afirmando que: «*Nos vários géneros e ocupações da vida, é sempre a mesma a santidade que é cultivada por aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus e... seguem a Cristo pobre, humilde, levando a cruz, a fim de merecerem ser participantes da sua glória e «o verdadeiro discípulo de Cristo é caracterizado pelo amor de Deus e do próximo».*<sup>91</sup> Esta é a simplicidade verdade, o tamanho ea profundidade da vida cristã. Assim, cada um dos baptizados torna-se um grande mosaico de santidade que Deus está criando na história, porque o rosto de Cristo brilhar em todo o seu esplendor.

A caridade, como uma boa semente, cresce e frutifica graças à escuta da palavra de Deus e a participação na Eucaristia. A celebração eucarística constitui o momento culminante em que Jesus, com o seu Corpo entregue e o seu Sangue derramado para nossa salvação, revela o mistério da sua identidade e indica o sentido da vocação de cada crente. O crente que se alimenta do Corpo entregue e do Sangue derramado recebe a força para se transformar por sua vez em dom, como diz Santo Agostinho: "Sede o que recebestes e recebei o que sois".<sup>92</sup> Tal acção renovadora é sublinhada também pelo papa Francisco: «*Quando recebemos Cristo na comunhão, renovamos a nossa aliança com Ele e permitimos que realize sempre mais a sua acção transformadora*». <sup>93</sup>

Para isto é essencial não deixar nem um domingo sem o encontro com o Cristo Ressuscitado na Eucaristia; isto não é um fardo, mas é luz para toda a semana e fonte da vida de santidade. No encontro dominical com Cristo Ressuscitado, a vida cristã toma uma forma eucarística capaz de modelar toda a vida.<sup>94</sup>

---

91 LG, 41-42.

92 Sermo 272 1, *In die Pentecostes*; in NBA XXXII/2, p. 1162.

93 PAPA FRANCISCO, Exortação apostólica (2018) *Gaudete et Exultate* [GE], 157.

94 SCa, 76-77.

### 7.3 Na vida quotidiana

De tudo isto estão particularmente conscientes os **sacerdotes**. «*A espiritualidade sacerdotal é intrinsecamente eucarística; a semente desta espiritualidade encontra-se já nas palavras que o bispo pronuncia na liturgia da ordenação: "Recebe a oferenda do povo santo para a apresentares a Deus. Toma consciência do que virás a fazer; imita o que virás a realizar, e conforma a tua vida com o mistério da cruz do Senhor"*».<sup>95</sup>

Assim, mediante o exercício quotidiano do próprio ofício, eles «*crecem no amor de Deus e do próximo, conservam o vínculo da comunhão sacerdotal, abundam em todos os bens espirituais e dão a todos o testemunho vivo de Deus, imitando aqueles sacerdotes que ao longo dos séculos, num mesmo serviço muitas vezes humilde e escondido, deixaram um belo exemplo de santidade. O seu louvor ressoa na Igreja de Deus*».<sup>96</sup>

A eles foi confiado o "mistério da fé" para que juntamente com as suas comunidades possam oferecer a Deus "sacrifícios espirituais" (1 Pd 2,5). O culto eucarístico, tanto na celebração da missa como em relação ao Santíssimo Sacramento, torna-se assim «*uma corrente vivificadora, que une o sacerdócio ministerial ao sacerdócio comum dos fiéis e o apresenta na sua dimensão vertical e com o seu valor central*».<sup>97</sup>

A **vida consagrada** a Deus através dos conselhos evangélicos significa e realiza na Igreja a doação total de si ao Senhor. Assim, nos votos, a oferta de si mesmo por parte dos consagrados liga-se com a de Cristo. Esta resposta renovam-na os religiosos em cada missa e em cada comunhão.<sup>98</sup> É natural que a celebração da Eucaristia, a comunhão e a adoração eucarística esteja no centro da vida consagrada como a fonte do dom de si para ser renovado dia a dia.<sup>99</sup>

---

95 S*Ca*, 80.

96 L*G*, 41.

97 JOÃO PAULO II Carta (1980) *Dominicae Cena* [DC], 2.

98 Cf. S*Ca*, 81.

99 JOÃO PAULO II, Exortação apostólica Pós-sinodal (1996) *Vida Consecrata* [VC], 95.

Um encorajamento especial é dirigido às **famílias**, para que tirem inspiração e força do Sacramento da Eucaristia para atrair inspiração e força da Eucaristia. "O amor entre o homem e a mulher, o acolhimento da vida, a missão educadora aparecem como âmbitos privilegiados onde a Eucaristia pode mostrar a sua capacidade de transformar e encher de significado a existência".<sup>100</sup> Neste sacrifício da Nova e Eterna Aliança, os cônjuges cristãos encontram a raiz «da qual flui, é interiormente estruturada e continuamente vivificada a sua aliança conjugal. Enquanto representação do sacrifício de amor de Cristo pela Igreja, a Eucaristia é a fonte de caridade». <sup>101</sup>

O mundo é o campo onde Deus coloca os seus filhos como boa semente. É lá, na vida quotidiana que todos os baptizados **leigos**, fortalecidos pela Eucaristia, são chamados a viver a novidade radical trazida por Cristo nas condições comuns da vida. A Eucaristia deve incidir sempre mais profundamente nas suas vidas diárias, levando-as a ser testemunhas reconhecíveis no próprio ambiente de trabalho e na sociedade.

Foi este o testemunho que ofereceu o *Beato László Batthyány-Strattmann* (1870-1931), um médico húngaro pai de onze filhos que, com o seu serviço de oftalmologista, ajudou os pobres de maneira exemplar, empenhando-se não só em curá-los mas também em alimentar-lhes a fé. Este médico que comunicava diariamente, viveu uma vida eucarística com o exercício empenhado da sua vocação e ao serviço dos pobres.

Depois, há uma nova geração de cristãos chamados a contribuir para a edificação e renovação das realidades humanas: são os **jovens**. Depois de tanta violência e opressão, o mundo precisa deles para "lançar pontes" para unir e reconciliar. Depois da cultura do homem sem vocação, são urgentemente necessários homens e mulheres que acreditem na vida e a colham como um chamamento que vem de Deus; para lá das relações mediatas exclusivamente dos *mídia sociais*, «só jovens corajosos, com mente e coração abertos a ideais elevados e generosos, poderão restituir beleza e verdade à vida e às relações humanas». <sup>102</sup>

---

100 *SCa*, 79.

101 JOÃO PAULO II, Exortação apostólica (1981) *Familiaris Consortio* [FC], 57.

102 BENTO XVI, *Homilia da Santa Missa na conclusão da XXIII Jornada Mundial da Juventude* (Sydney, 20 julho

O caminho para se tornar profetas desta nova era, e mensageiros do amor é sustentado pela Palavra de Deus e pela participação activa na Eucaristia, centro da vida e da missão de cada crente e de cada comunidade cristã. Participando no corpo e no sangue de Cristo e vivendo com alegria a comunhão eclesial, raparigas e rapazes encontrarão a força para viver este momento histórico particular, como demonstram as Jornadas Mundiais da Juventude que põem no seu centro a celebração da Eucaristia.

Jesus amava as **crianças** e gostava de encontrá-las (cf. *Mc 10,13*). Realizando o caminho da iniciação cristã através da catequese familiar e paroquial, com a missa da primeira comunhão as crianças tornam-se membros activos da comunidade cristã.

São João Paulo II recordou que a santa Eucaristia alimenta o amor dos mais pequenos por Jesus: «*Jesus quis permanecer connosco para sempre! Jesus quis unir-se intimamente a nós na santa Comunhão, para nos mostrar o seu amor directa e pessoalmente. Cada um pode dizer: "Jesus ama-me! Eu amo Jesus" ... Jesus é o amigo que do qual não se pode prescindir, quando se encontrou e se compreendeu que Ele nos ama e quer o nosso amor... mantende-vos dignos Jesus que recebestes! Sede inocentes e generosos! Empenhai-vos a tornar bela a vida a todos com a obediência, com a bondade, com as boas maneiras! O segredo da alegria é a bondade*». <sup>103</sup>

Na missa dominical na paróquia, meninas e meninos servem ao altar, cantam na *schola cantorum* [no coro] e estão empenhados em tornar alegre a celebração. Juntamente com as suas famílias, descubrem que o encontro com Jesus é a fonte do seu amor e força para crescer gradualmente na fé, para uma «*plena inserção no corpo de Cristo*». <sup>104</sup>

De modo especial, estão unidos a Cristo sofredor **os pobres, os enfermos, os doentes, os perseguidos** por causa da justiça: o Senhor no Evangelho proclamou-os bem-aventurados, e «o Deus de toda graça, que nos chamou à

---

2008), in AAS 100 (2008), p. 548.

103 PAPA JOÃO PAULO II, *Homilia na primeira comunhão das crianças*, in *Osservatore Romano*, 16 junho 1979.

104 SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, Instrução (1967) *Eucharisticum Mysterium [EM]*, 14.

sua eterna glória em Jesus Cristo, depois de um pouco para sofrer, os conduzirá Ele mesmo à perfeição e os tornará estáveis e seguros»(1 Pd 5,10).<sup>105</sup>

A quantos estão prestes a deixar esta vida, a Igreja oferece a unção dos enfermos e a Eucaristia como viático porque o Corpo e Sangue de Cristo é uma semente de vida eterna e do poder da ressurreição: «*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia*» (Jo 6,54). Assim, a Eucaristia manifesta-se como «*remédio da imortalidade*», para viver para sempre em Jesus Cristo.<sup>106</sup>

Numa antiga oração, a Igreja aclama este sacramento como antecipação da glória do céu: «*Ó sagrado banquete em que se recebe Cristo, e se comemora a sua Paixão, em que a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da futura glória*». Depois que Cristo no seu mistério pascal passou deste mundo para o Pai, na Eucaristia conserva-se o penhor da glória futura com ele: «*A participação no santo sacrifício identifica-nos com o seu coração, sustenta as nossas forças ao longo da peregrinação desta vida, faz-nos desejar a vida eterna, e já nos uniu à Igreja no céu, à santíssima Virgem e a todos os santos*».<sup>107</sup>

## 8. A EUCARISTIA,

---

105 LG, 41.

106 Cf. *Catecismo da Igreja Católica* [CCC], 1524.

107 *Ibid.*, 1419.

## FONTE DA MISSÃO E DO SERVIÇO

### 8.1. Sacramento da missão cumprida

«Evangelizar [...] é a graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda» - advertia o Papa São João Paulo II em 2003.<sup>108</sup> A Eucaristia é a fonte da evangelização e, simultaneamente, o objectivo final a ser alcançado; o «sacramento da missão cumprida, em que há um desejo comum da humanidade: a comunhão com Deus será tudo em todos e de comunhão fraterna».<sup>109</sup> Porque todos têm o direito de receber o Evangelho, os cristãos proclamam sem excluir ninguém, como quem compartilha uma alegria, sinaliza um horizonte maravilhoso e oferece "um banquete apetecível".<sup>110</sup>

«Depois da bênção, o diácono ou o sacerdote despede o povo com as palavras: *Ite, missa est*. Nesta saudação podemos identificar a relação entre a Missa celebrada e a missão cristã no mundo».<sup>111</sup>

A Eucaristia é a fonte de onde flui o potencial evangelizador da Igreja, porque «a Eucaristia oferece não apenas a força interior, mas também em determinado sentido o projecto. Na realidade, a Eucaristia é um modo de ser que passa de Jesus para o cristão e, através do seu testemunho, tende a irradiar-se na sociedade e na cultura. Para que isto aconteça, é necessário que cada fiel assimile, na meditação pessoal e comunitária, os valores que a Eucaristia exprime, as atitudes que ela inspira, os propósitos de vida que suscita».<sup>112</sup>

Quem bebeu da fonte de água viva (cf. Jo 4,14) deve dar de beber também aos outros. «A samaritana, logo que terminou o seu diálogo com Jesus, tornou-se missionária, e muitos samaritanos acreditaram em Jesus "devido às palavras da

---

<sup>108</sup> JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-Sinodal (2003) *Ecclesia in Europa* [EEu], 45.

<sup>109</sup> PONTIFÍCIO COMITÉ PARA OS CONGRESSOS EUCARÍSTICOS INTERNACIONAIS, *Cristo em vós, esperança da glória. A Eucaristia: fonte e cume da missão da Igreja*, Ponteranica 2015, p. 85.

<sup>110</sup> PAPA FRANCISCO, Exortação apostólica (2013) *Evangelii Gaudium* [EG], 14.

<sup>111</sup> *SCa*, 51.

<sup>112</sup> JOÃO PAULO II, Carta Apostólica (2004) *Mane nobiscum Domine* [MND], 25. Cf. também *SCa* 84: «Não podemos abeirar-nos da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio coração de Deus, visa atingir todos os homens; assim, a tensão missionária é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã».

mulher" (Jo 4,39) ... *Porque esperamos nós?*»<sup>113</sup> É hora de passar do projecto litúrgico para a sua implementação na vida das nossas comunidades.

## 8.2. De Emaús a Jerusalém

O ícone evangélico dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) representa bem a fisionomia missionária da Igreja e de cada baptizado, porque o encontro com o Ressuscitado, que se realiza através da escuta da Palavra e na partilha do pão, empurra os dois discípulos/peregrinos para se tornarem anunciadores entusiasmados do Senhor.

A história de Emaús começa na estrada percorrida por dois discípulos profundamente desiludidos que viveram a Páscoa, não como um evento de salvação, mas como um fracasso da missão de Jesus e das suas expectativas. A eles junta-se um peregrino sem nome.

O ponto de origem da evangelização é o amor de Deus que nos precede: Deus ama-te! Ele aproxima-se de ti incondicionalmente. Eis que, «*o próprio Jesus, aproximando-se, pôs-se a caminhar com eles*» (Lc 24,15). O primeiro passo da evangelização consiste em fazermo-nos companheiros de viagem dos nossos irmãos para lhes testemunhar o amor de Deus que nos precede. Nós o experimentamos no início da Missa, quando Deus vem ao nosso encontro e nós nos inserimos na vida e no amor do Deus trino e um, fazendo o sinal da cruz.

Mas os discípulos de Emaús não reconheceram Jesus até que ele lhes abriu a mente à inteligência das Escrituras (Lc 24,17). Também nós, celebrando a Eucaristia com ritmo semanal, experimentamos em primeiro lugar, que a evangelização não se ocupa tanto de explicar uma doutrina, mas de interpretar cada coisa, a vida e a liturgia, à luz dos eventos salvíficos da Páscoa do Senhor. Esta é a missão da proclamação das Escrituras.

A escuta do Antigo e do Novo Testamento "*queima os nossos corações*", enquanto o próprio Cristo nos revela não só o enredo da história da salvação, mas também o sentido de tudo o que vive. «*Palavra e Eucaristia correspondem-se tão intimamente que não podem ser compreendidas uma sem a outra: a Palavra de*

---

<sup>113</sup> EG, 120.

*Deus faz-se carne, sacramentalmente, no evento eucarístico. A Eucaristia abre-nos à inteligência da Sagrada Escritura, como esta, por sua vez, ilumina e explica o mistério eucarístico».*<sup>114</sup> Por esta razão a Igreja, desde sempre, quando celebra a Eucaristia, nunca deixa de proclamar "em todas as Escrituras o que a Ele dizia respeito" (Lc 24, 27).

Uma vez em Emaús, satisfazendo o pedido dos dois discípulos, o Ressuscitado entra em casa com eles, senta-se à mesa toma o pão, abençoa-o, parte-o e oferece-lho. São os mesmos gestos repropostos na liturgia eucarística. Só então O reconhecem. Espantados e cheios de alegria, uma vez reconhecido o Senhor no partir do pão, os discípulos de Emaús "*voltaram para Jerusalém*" (Lc 24,33), à comunidade dos Doze, para anunciar que tinham visto o Senhor.

Tudo continua a realizar-se quando, no Dia do Senhor (Ap 1,10), homens e mulheres de todas as raças, línguas, povos e nações (Ap 7,9) se põem a caminho até uma série de catedrais, basílicas, igrejas paroquiais .... É um imenso rio que junta os cristãos provenientes de toda parte: dos países da Escandinávia aos países do Mediterrâneo, das Américas, da Ásia, da África, da Austrália. Cristãos que vão a pé, de bicicleta, de metro, de autocarro, de automóvel; centenas de milhares de batizados que avançam, se unem em assembleia à volta do altar do Senhor, para se tornarem juntos o Corpo de Cristo no coração da cidade moderna. Desde há vinte séculos o povo de Deus realiza este movimento eucarístico que vai encontrar o seu objectivo final, quando a humanidade irá comer, novamente, o pão no Reino de Deus.

Então, uma vez que a missa foi celebrada, mais uma vez, mesmo que em sentido inverso, as mesmas procissões de crentes se colocarão alegremente em seu caminho. E fundindo-se lentamente dispersam-se como uma semente nos sulcos da terra, retornando às suas tarefas habituais. Iluminados pela Palavra de Vida, alimentados pela Eucaristia, eles traçam no coração da cidade terrena novos percursos que formam a trama secreta do viver humano. Como regatos de água viva a jorrar para o lado direito do templo (cf. Ez 47,2) eles irrigam as praças, as estradas, os bairros, até a última habitação da periferia mais distante.

---

<sup>114</sup> VD, 55.

É assim que a celebração da Eucaristia se transforma num motor de mudança do coração e da sociedade e cria uma cultura de fraternidade: «O encontro eucarístico ... acorda no discípulo vontade decidida de anunciar aos outros com coragem, como ouvistes e experimentastes, para trazê-los para o mesmo encontro com Cristo. Desta forma, o discípulo, enviado pela Igreja, torna-se aberto a uma missão sem fronteiras».<sup>115</sup>

### 8.3. Eucaristia e serviço fraterno: a diaconia

A celebração da Eucaristia não termina com a bênção e a saudação final, uma vez que a missa é fonte e motor da vida da Igreja, especialmente no campo da diaconia que é uma das suas actividades fundamentais. De acordo com a Constituição litúrgica "a liturgia impele os fiéis, saciados pelos "mistérios pascais", a viverem "unidos no amor"; ela ora para "que sejam fiéis na vida ao que receberam pela fé"; e pela renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, estimula e fortalece os fiéis na caridade urgente de Cristo".<sup>116</sup>

Todo o mistério da caridade de Deus revelado e realizado na Páscoa do Unigénito e no dom do Espírito está contido no mistério da Eucaristia. Ela garante que a caridade é a atitude de quem fez comunhão com o Senhor. Antes de ser um trabalho ou uma iniciativa, a caridade é um conjunto de atitudes realizadas no dom de Cristo.

No memorial pascal a Igreja nasce como comunidade de serviço. A Eucaristia faz ressoar para sempre na comunidade o convite a fazer tudo o que Jesus viveu em primeira pessoa, ou seja, a oferta total de si mesmo para a salvação de todos. A comunidade eucarística, comunicando o destino do Servo, torna-se, ela mesma, serva: comendo "o corpo entregue" torna-se "corpo eclesial entregue, corpo para os outros, corpo oferecido pelas multidões". E os fiéis, enquanto anunciam a "morte do Senhor e proclamam a sua ressurreição até que Ele venha" fazem da sua existência um dom total.

Mesmo no contexto da nova evangelização, a lei fundamental é a da cruz de Cristo que caiu na terra como um grão de trigo para dar muito fruto (Jo

---

<sup>115</sup> XI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Elenco final das Proposições* (22 outubro 2005) n. 42; in *EV*. V. XXIII, p. 767.

<sup>116</sup> *SC*, 10.

12,24). A história continua a provar que não se pode dar vida, a não ser oferecendo-se a si mesmos. A força evangelizadora que nasce da Eucaristia impele assim os fiéis a actualizar no seu contexto histórico o gesto daquele que *«tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até à consumação. Durante a ceia ... começou a lavar os pés dos discípulos e a secá-los com a toalha que tinha atado à cintura ... "Ora, se Eu, "o Senhor" e "o Mestre", vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros»* (Jo 13, 1-5. 14).

Todas as vezes que celebramos a Eucaristia, tomamos consciência de que o sacrifício de Cristo é para todos e que a Eucaristia *«impele todo o que acredita n'Ele a fazer-se "pão repartido" para os outros e, conseqüentemente, a empenhar-se por um mundo mais justo e fraterno... a vocação de cada um de nós consiste em ser, unido a Jesus, pão repartido para a vida do mundo»*.<sup>117</sup>

No serviço da caridade para com os pobres, os pequeninos, os marginalizados, nós celebramos a nossa verdadeira Páscoa, a nossa passagem da morte para a vida. Saindo da igreja após a despedida final da Missa, *«sem ilusões, sem utopias ideológicas, nós caminhamos pelas estradas do mundo, levando dentro de nós o Corpo do Senhor ... Com a humildade de nos sabermos simples grãos, guardamos a firme certeza que o amor de Deus, encarnado em Cristo é mais forte do que o mal, a violência e a morte ....»*<sup>118</sup>. Realmente, não se pode ficar na história com amor sem a Eucaristia, nem se pode celebrar a Eucaristia sem servir, com efeito, o mundo com o Evangelho da caridade.

#### **8.4. Eucaristia e unidade dos batizados: a comunhão**

*«Ubi eucharistia, ibi ecclesia; Onde quer que se celebre a Eucaristia aí está a Igreja»*. Este é o princípio da eclesiologia eucarística que não só encontramos nos teólogos ortodoxos, mas de maneira diferente, nas etapas próprias do Concílio Vaticano II e nos teólogos católicos.

A Eucaristia como a implementação da festa da era messiânica oferece-se como comunhão na única mesa e convocação universal não só dos crentes, mas de toda a humanidade.<sup>119</sup> De facto, a Eucaristia não representa apenas

---

<sup>117</sup> SCa, 88.

<sup>118</sup> BENTO XVI, *Homilia na Festa de Corpus Christi* 2011, in AAS 103 (2011) p. 464.

<sup>119</sup> Já a *Didaqué* (9.4) aborda esta questão, ao explicar o simbolismo do pão e do vinho e do banquete de salvação: *«Assim como este pão estava disperso pelos montes, e, depois de colhido se tornou um só, assim se reúna a tua*

um sinal da fé pessoal; não é celebrada para fortalecer parcialidades e fechamentos, mas para saltar os muros e abrir à universalidade da convocação salvífica. Infelizmente, na situação actual não é possível que todos os baptizados de qualquer confissão cristã se reúnam à volta da única mesa do Senhor e participem na única festa do Ressuscitado. E isto por causa da divisão histórica das Igrejas, pecado que contradiz abertamente o sentido da cruz e do mistério eucarístico.

Os documentos acerca da Eucaristia que têm surgido nas últimas décadas, têm atenuado as oposições, que eram tão fortes, entre os cristãos das diferentes confissões. Sinais positivos de reaproximação ocorreram onde antes havia apenas divisões e conflitos. Ao mencioná-los aqui, esperamos que, graças ao Congresso Eucarístico Internacional, possam receber um reconhecimento teológico mais amplo e encontrar lugar na consciência comum dos fiéis.

Particularmente significativo foi o documento de convergência sobre «*Batismo, Eucaristia e Ministério*» [BEM], publicado pela Comissão Fé e Constituição do Conselho Ecuménico das Igrejas em 1982. Efeito de mais de 50 anos de estudo, o documento é reconhecido como um dos os resultados mais influentes do diálogo multilateral. Isto representa o mais alto grau de convergência ecuménica e, em alguns aspectos, de consenso sobre os três temas fundamentais que têm dividido e dividem os cristãos desde o século XVI. Sobre a Eucaristia, a resposta oficial da Igreja Católica reconhece que «*a estrutura e a sequência da exposição dos aspectos básicos do documento ... estão em conformidade com o ensinamento católico*». <sup>120</sup>

As posições dos irmãos separados sobre o tema que os dividia acerca do "sacrifício" eucarístico, aproximaram-se com a ajuda do conceito bíblico de "memorial": «*A Eucaristia é o memorial de Cristo crucificado e ressuscitado, ou seja, o sinal vivo e eficaz do seu sacrifício, realizado uma vez por todas na cruz e ainda operante em favor de toda a humanidade. A ideia bíblica do memorial aplicada à Eucaristia reenvia a esta eficácia actual da obra de Deus quando é celebrada pelo seu povo*

---

*Igreja dos confins da terra no teu reino».*

<sup>120</sup> MAX THURIAN (ed.), *As igrejas respondem ao BEM*, 6 vol., Genebra 1986-1988. O VI volume contém a "Resposta" oficial da Igreja Católica.

numa liturgia. O próprio Cristo, com tudo o que ele fez por nós ... está presente nesta anamnese [ou memorial], concedendo-nos a comunhão consigo mesmo». <sup>121</sup>

A propósito da "presença real" e seu cumprimento na celebração, o BEM reconhece que «As palavras e gestos de Cristo ao instituir a Eucaristia estão no centro da celebração: o banquete eucarístico é o sacramento do Corpo e do Sangue de Cristo, o sacramento da sua presença real. Cristo realiza de muitas maneiras a sua promessa de estar sempre com os seus, até o fim do mundo. Mas o modo da presença de Cristo na Eucaristia é único ... A Igreja confessa a presença real, viva e actuante de Cristo na Eucaristia». <sup>122</sup>

De importância significativa ainda é a questão da intercomunhão com a tensão entre a Eucaristia como  *sinal*  e a Eucaristia como  *causa*  de unidade. <sup>123</sup> Se se olha para a importância do sinal da hospitalidade eucarística parece difícil, porque a Eucaristia deve expressar e celebrar uma unidade já alcançada e realizada. De acordo com o ensinamento católico e ortodoxo, a Eucaristia não é apenas um instrumento de nossa união individual com Cristo, mas também o sacramento da nossa plena adesão à Igreja, à sua fé, à sua estrutura sacramental, às suas exigências morais. Se, ao contrário, se olha para o significado de causa, a inter-comunhão é possível em determinados casos.

Enquanto isso, o caminho da unidade cresce e se desenvolve, reforçando o "*ecumenismo da vida*", que, colocado sob o sinal da cruz, compromete cada um a viver a compaixão e a misericórdia de Deus. Isso traduz-se fundamentalmente no testemunho de fé vivido diariamente através da meditação das Sagradas Escrituras, o trabalho comum com os batizados de outras igrejas, o compromisso em grupos ecumênicos, a colaboração para iniciativas de catequese e de formação nas comunidades locais de diversas confissões.

No campo cultural podem-se aproveitar as celebrações ecumênicas da Palavra de Deus; a Liturgia das horas; as peregrinações ecumênicas e muito mais.

---

<sup>121</sup> COMISSÃO FÉ E CONSTITUIÇÃO, Baptismo, Eucaristia e Ministério. Documento de Lima de 1982, in *Enchiridion Oecumenicum*, vol. I, Bologna 1986, p. 1411.

<sup>122</sup> *Ibid.*, p. 1413

<sup>123</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Decreto sobre o ecumenismo (1964) [UR], 8: «Não é lícito considerar a "*communicatio in sacris*" como um meio a usar indiscriminadamente na restauração da unidade dos cristãos. Esta "*communicatio*" depende principalmente de dois princípios: da necessidade de testemunhar a unidade da Igreja e da participação nos meios de graça. O testemunho da unidade frequentemente a proíbe. A busca da graça recomenda-a algumas vezes. A autoridade episcopal do lugar determine prudentemente o modo de agir tendo em conta as circunstâncias de tempo, lugar e pessoas, a não ser que outra coisa seja determinada pela Conferência Episcopal, de acordo com os seus estatutos, ou pela Santa Sé".

No campo da caridade, os cristãos comprometem-se já em muitas iniciativas conjuntas, também porque os recursos financeiros reduzidos forçam progressivamente a unir as forças: Centros sociais, cuidados aos idosos, visitas às famílias carentes, pastoral da saúde, media ... são apenas algumas das áreas em que o Evangelho da comunhão conjugado na celebração encontra o modo de agir e se difundir.

Finalmente não se esqueça o "ecumenismo espiritual", alma do caminho rumo à unidade. Nas situações mais variadas, há homens e mulheres inspirados pelo Espírito Santo que actualizam a "boa notícia", fazendo sentir o impulso do Evangelho onde a Igreja está cansada; que praticam comunitariamente as formas de vida evangélicas e ecuménicas, criando assim um movimento espiritual em que se reza sem cessar para o advento da unidade.<sup>124</sup>

## 8.5. Eucaristia e reconciliação

O salmista canta: «*Todas as minhas fontes estão em ti*» (Sl 87,7). Todos os que alcançam a fonte da Eucaristia, habitantes da Palestina, Tiro e Etiópia (cf. Sl 87,4) e filhos de qualquer povo, tornam-se membros do mesmo Corpo de Cristo, cidadãos da Jerusalém celestial, da cidade de Deus (cf. Fil 3,20).

Na Eucaristia torna-se presente o mistério trinitário de Deus Pai, Filho e Espírito Santo que arrasta na mesma comunhão a grande família humana «*Com uma feliz intuição, o célebre ícone da Trindade de Rublëv coloca significativamente a Eucaristia no centro da vida trinitária*».<sup>125</sup> Cristo é o aquele que pela sua Páscoa redentora abateu o muro de separação que dividia os povos, anulando a sua inimizade (cf. Ef 2,14), e fez membros do seu corpo aqueles que se nutrem d'Ele. De facto, «*nós somos um só corpo*» garante São Paulo (1 Cor 10,17) e: «*não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus*» (Gl 3,28). O dom de Cristo e do seu Espírito que recebemos na comunhão eucarística, «*realiza plena e superabundantemente os anseios de unidade fraterna que vivem no coração humano e ao*

---

<sup>124</sup> Para todos esses problemas, consulte: L. BIANCHI, *Eucaristia ed ecumenismo. Pasqua di tutti i cristiani*, Bologna 2007. W. Kasper, *Sacramento dell'unità. Eucaristia e Chiesa*, (GDT 305) Brescia 2004. M. Florio-C. Rocchetta, *Sacramentaria special I*, (Teologia Sistemática 8 / a), Bologna 2004.

<sup>125</sup> Cf. MND, 11.

*mesmo tempo eleva esta experiência de fraternidade, que é a participação comum na mesma mesa eucarística, a níveis que estão muito acima da mera experiência dum banquete humano".*<sup>126</sup>

Uma verdadeira unidade entre os homens e entre as nações não se pode atingir plenamente se não encontra em Deus a sua raiz e só n'Ele: «*Não tenhais medo! Abri, ou melhor, escancarai as portas a Cristo! À sua majestade salvadora abri os confins dos Estados, os sistemas económicos e políticos, os vastos campos de cultura, de civilização e de desenvolvimento. Não tenhais medo!*». <sup>127</sup>

Esta unidade não anula as diferenças das nações. O Criador quis que o homem fosse um ser social e histórico e que se realizasse em diferentes civilizações, através de diferentes línguas maternas.<sup>128</sup> Porque a unidade dada por Deus não é caos nem falsa fraternidade que manda para a guilhotina aqueles que pensam diferentemente. Ela surge a partir do dom do Espírito Santo que, no Pentecostes, sana a confusão das línguas e permite a todos que se entendam por meio do mesmo Espírito.

Nos séculos passados, os povos da Europa Central, envolvidos nas tempestades da história, foram frequentemente confrontados nos campos de batalha. Mas, apesar de tudo, eles não esqueceram o vínculo profundo que os continua a unir, isto é, a sua fé cristã. E assim, mais uma vez, Cristo é a única esperança desta região do mundo, da Europa e de toda a humanidade; e a celebração da Eucaristia é sinal e instrumento da pertença comum destes povos a Cristo.

Conscientes disto, nos últimos anos, as Conferências Episcopais dos vários países da Europa Central celebraram juntos a Eucaristia e assinaram declarações conjuntas no sinal da reconciliação.<sup>129</sup> De fato, «*graças à celebração eucarística que povos em conflito podem reunir-se em torno da Palavra de Deus, escutar o seu anúncio profético, acolher gratuitamente o perdão e receber a graça da conversão que permite a comunhão no mesmo pão e no mesmo cálice. Jesus Cristo, que se oferece*

---

<sup>126</sup> EE, 24.

<sup>127</sup> Cf. João Paulo II, Homília do início do ministério petrino ((22 de Outubro 1978), in AAS 70 (1978), pp. 944 ss.

<sup>128</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 384-387.

<sup>129</sup> Este foi o caso, por exemplo, entre as Conferências episcopais Húngara e Eslovaca no Santuário nacional de Mátraverebély-Szentkút no dia 28 junho de 2008 Um documento semelhante foi assinado em 2003 com o *Versöhnte Nachbarschaft im Herzen Europas* (entre as Conferências episcopais Austráca e Checa) e em 2004 no Encontro Católico Centro-europeu de Mariazell.

na Eucaristia fortalece a comunhão fraterna e insta aqueles que estão em conflito a apressar a sua reconciliação através do diálogo e da justiça». <sup>130</sup>

Neste sentido, o Congresso Eucarístico Internacional será uma excelente oportunidade para continuar o processo de cura da memória, <sup>131</sup> perdoar as ofensas do passado e redescobrir em Cristo a plena reconciliação capaz de superar as dificuldades e tentações deste tempo. <sup>132</sup> Neste compromisso de reconciliação, a Eucaristia torna-se na vida o que ela significa na celebração.

Cada país da Europa, ao longo da história, expressou sua fé na Eucaristia com acentos e tradições próprios. As procissões do Corpus Christi, os tapetes florais, as solenes adorações eucarísticas, a liturgia dos dons pré-santificados e as festas da primeira comunhão ligaram os povos da Europa Central (polacos, checos, eslovacos, eslovenos, croatas, sérvios, húngaros, austríacos, ucranianos, romenos, etc.). A nossa civilização construiu a unidade espiritual da Europa nutrindo-se da mesma fonte. Hoje em dia, no momento histórico em que vivemos, as Igrejas particulares não são capazes de responder sozinhas aos desafios a que somos provocados.

Sem negar as diferenças derivadas de eventos históricos, é cada vez mais madura a consciência da unidade que, com as suas raízes na inspiração cristã comum, forme as diferentes tradições e impulsione culturais, a nível social como a nível eclesial, para um caminho de conhecimento recíproco na partilha mútua dos valores de cada um. <sup>133</sup>

Tudo isto também se aplica aos nossos irmãos ciganos que têm no Beato Zeferino, homem de profunda fé eucarística, o seu patrono. Esta fé encontrou a sua prova, quando em 1965, numa sua peregrinação doou ao Papa São Paulo VI uma custódia com arame farpado, em memória de ciganos mortos em campos de concentração nazistas.

---

<sup>130</sup> XI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS *Proposições do Sínodo sobre a Eucaristia* (22 Outubro 2005), 49; in *Echiridion Vaticanum* vol. XXIII, p. 771.

<sup>131</sup> De acordo com a expressão cara a São João Paulo II. O conceito nasceu durante o Grande Jubileu do ano 2000. Cf. *Tertio Millennio Ineunte* 33-35; *Incarnationis Mysterium* (1998), 11.

<sup>132</sup> Os fundamentos teológicos do caminho de reconciliação podem ser encontrados em: Comissão Teológica Internacional, *Memória e Reconciliação: A Igreja e as culpas do passado*, 2002. O texto integral lê-se em [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20000307\\_memory-reconc-itc\\_it.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20000307_memory-reconc-itc_it.html).

<sup>133</sup> *EEu*, 4.

Quase um século atrás, Martin Buber disse que uma civilização permanece vivo enquanto ele permanece em contacto com o mistério vivo a partir do qual ela nasceu.<sup>134</sup> As civilizações da Europa nasceram a partir do mistério de Cristo. A esta fonte de vida devemos voltar, acolhendo o apelo de São João Paulo II: «[*Tu Europa*], no decurso dos séculos, recebeste o tesouro da fé cristã. Este funda a tua vida social sobre os princípios extraídos do Evangelho e divisam-se os seus traços nas artes, na literatura, no pensamento e na cultura das tuas nações. Mas esta herança não pertence só ao passado; é um projecto para o futuro que deve ser transmitido às novas gerações, porque constitui a matriz da vida das pessoas e dos povos que, juntos, forjaram o continente europeu».<sup>135</sup>

---

<sup>134</sup> M. BUBER, O discurso inaugural em Frankfurt, em 1922.

<sup>135</sup> *EEu*, 120.

## 9. AVE VERUM CORPUS NATUM DE MARIA VIRGINE

No último capítulo da encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (17 abril 2003), São João Paulo II convoca os fiéis «à escola de Maria mulher eucarística». Ele afirma que "a Igreja, vendo em Maria o seu modelo, é chamada a imitá-la também na sua relação com este mistério santíssimo"<sup>136</sup> e assegura que, seguindo seus passos, podemos celebrar e viver o mistério eucarístico, «o tesouro da Igreja, o coração do mundo, o penhor da meta pela, mesmo inconscientemente, suspira todo o homem».<sup>137</sup>

A relação íntima entre Maria e a Eucaristia, antes de mais, encontra-se sob o fundo do capítulo VIII da Constituição conciliar sobre a Igreja *Lumen Gentium* que afirma «pela sua íntima participação na história da salvação reúne em si, e de certo modo reflecte as supremas verdades da fé».<sup>138</sup> A estas supremas verdades da fé pertence a Eucaristia, *mysterium fidei* por excelência.

Igualmente, a apresentação de Maria, "mulher eucarística", modelo para a comunidade cristã pode-se compreender só com base na doutrina patrística e conciliar da Virgem Mãe «figura da Igreja na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo».<sup>139</sup> Tal doutrina é aplicada pela exortação apostólica *Marialis Cultus* de São Paulo VI (1967) à liturgia a celebrar e viver inspirando-se em Maria «exemplar da atitude espiritual com que a Igreja celebra e vive os divinos mistérios».<sup>140</sup> Em seguida, o mesmo documento exemplifica Maria como «Virgem que sabe ouvir ... dada à oração ... mãe ..., oferente» e a menção de sua presença no sacrifício eucarístico que a Igreja realiza «em comunhão com os santos do céu e, em primeiro lugar, com a bem-aventurada Virgem Maria»<sup>141</sup>.

A comunidade de crentes vê em Maria, "mulher eucarística", o seu melhor ícone, e contempla Maria como modelo insubstituível de vida eucarística. «Por isso, preparando-se para acolher sobre o altar "verum Corpus natum de Maria

---

<sup>136</sup> EE, 53.

<sup>137</sup> EE, 59.

<sup>138</sup> LG, 65.

<sup>139</sup> LG, 63.

<sup>140</sup> PAULO VI, Exortação (1974) *Marialis Cultus* [MC], 16.

<sup>141</sup> MC, 17 e 20.

*Virgine – o verdadeiro corpo nascido da Virgem Maria», o sacerdote, em nome da assembleia litúrgica, proclama com as palavras do cânone: «veneramos a memória da gloriosa sempre Virgem Maria, Mãe de nosso Deus e Senhor, Jesus Cristo»<sup>142</sup>. E o seu santo nome também é invocado e venerado nos cânones das tradições cristãs orientais.*

*«Ela é a Tota pulchra, a “Toda Formosa”, porque nela resplandece o fulgor da glória de Deus. A beleza da liturgia celeste, que deve ser reflectir-se também nas nossas assembleias, encontra nela um espelho fiel»<sup>143</sup>. Os fiéis, por sua vez, esforçando-se por ter os mesmos sentimentos de Maria, aprendem a tornar-se pessoas eucarísticas e eclesiais e ajudam toda a comunidade a viver como oferta viva, agradável ao Pai para se apresentarem depois como "irrepreensíveis" diante do Senhor, de acordo com a sua vontade (cf. Col 1,21; Ef 1,4).*

A Igreja, que *«na Eucaristia se une plenamente a Cristo e ao seu sacrifício, com o mesmo espírito de Maria»<sup>144</sup>* canta com ela o Magnificat em chave eucarística: a verdadeira atitude eucarística são realmente o louvor e a acção de graças, a memória das maravilhas realizadas por Deus na história da salvação, a tensão escatológica para os novos céus e a nova terra da qual germe é na vida os humildes exaltados por Deus. Como a pobre de Javé e a Serva do Senhor, Maria continua a guiar os discípulos do seu Filho para o estilo eucarístico do dom de si e do serviço.

O Espírito Santo, por intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria, acenda em nós o mesmo ardor experimentado pelos discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-35) e renove na nossa vida a surpresa e a beleza que refulgem no rito sinal litúrgico, sinal eficaz da Páscoa de Cristo, e lugar da glória de Deus. Aqueles discípulos levantaram-se e voltaram apressadamente a Jerusalém para compartilhar a alegria com os seus irmãos e suas irmãs na fé. A verdadeira alegria é reconhecer que o Senhor morto e ressuscitado permanece entre nós, companheiro fiel do caminho e se mostra nosso contemporâneo no mistério da Igreja, seu Corpo.<sup>145</sup>

---

<sup>142</sup> SCa, 96.

<sup>143</sup> SCa, 96.

<sup>144</sup> EE, 58.

<sup>145</sup> Para estas considerações finais, cf. SCa, 96-97.

Testemunhas deste mistério de amor, cheios de alegria e admiração, continuamos a ir ao encontro com a Sagrada Eucaristia, para experimentar e anunciar aos outros a verdade da palavra com que Jesus se despediu dos seus discípulos: «*Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos tempos*» (Mt 28,20).